



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Teatro de Revista Amador e Democracia Cultural: O caso da associação cultural "Os Combatentes", em Lisboa

Melissa Cristina de Oliveira Alves

Mestrado em Sociologia

Orientador(a):

Doutora Vera Sandra dos Santos de Sousa Borges, Investigadora Auxiliar,
CIES - Iscte - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia

Orientador(a):

Doutora Marta Cristina Entradas, Professora Auxiliar,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

Teatro de Revista Amador e Democracia Cultural: O caso da associação cultural "Os Combatentes", em Lisboa

Melissa Cristina de Oliveira Alves

Mestrado em Sociologia

Orientador(a):

Doutora Vera Sandra dos Santos de Sousa Borges, Investigadora Auxiliar,
CIES - Iscte - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia

Orientador(a):

Doutora Marta Cristina Entradas, Professora Auxiliar,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025

Dedico esta dissertação a mim mesma, que entre livros e jornadas de trabalho encontrei forças para não desistir e transformar o cansaço em conquista.

Agradecimento

A realização desta dissertação só foi possível graças ao apoio, dedicação e incentivo de várias pessoas e instituições, a quem desejo expressar a minha mais profunda gratidão.

Em primeiro lugar, à minha mãe Cristina, pelo apoio incondicional em todas as fases deste percurso, pela compreensão perante as diferentes oscilações de humor que enfrentei e pela força silenciosa que sempre me transmitiu.

Aos meus colegas de faculdade, Catarina e Jakilson, pela entreaajuda, motivação e companheirismo que nos permitiram ultrapassar juntos cada etapa académica, transformando os desafios em conquistas partilhadas.

Aos meus amigos, pela paciência, carinho e atenção, mesmo nos momentos em que a minha ausência em convívios e eventos foi inevitável devido às exigências do estudo.

Às minhas orientadoras, Vera Borges, pela constante disponibilidade e entusiasmo, que tantas vezes serviram de ânimo nos períodos de maior desmotivação; e Marta Entradas, pela dedicação demonstrada desde o início, mesmo sem saber o rumo que este trabalho tomaria, mas sempre pronta a orientar e apoiar cada passo.

Por último, mas não menos importante, a todos os membros do Grupo Dramático e Escolar “*Os Combatentes*” e elenco da companhia de teatro, que prontamente abriram as suas portas e disponibilizaram todas as informações necessárias — e muitas mais — para a concretização desta investigação, permitindo que este trabalho se tornasse não apenas um exercício académico, mas também uma experiência enriquecedora a nível pessoal e cultural.

A todos, o meu sincero obrigado.

E Viva ao Teatro de Revista!

Resumo

A Revista à Portuguesa, que é a expressão do Teatro de Revista em Portugal, reflete sobre a identidade, a história e a cultura popular portuguesa. O percurso deste teatro acompanha as transformações económicas, culturais e políticas ocorridas em Portugal, ao longo da história. Atualmente, o Teatro de Revista profissional é exibido no Teatro Maria Vitória, em Lisboa, sobrevivendo às modificações e dinâmicas de gentrificação da cidade de Lisboa, e às remodelações dos edifícios que o rodeiam, no Parque Mayer. Neste estudo, analisa-se o Teatro de Revista, em particular o teatro amador, e como este tem sobrevivido por intermédio das associações culturais, localizadas nos bairros lisboetas, onde os espetáculos são produzidos e apresentados, circulando depois por todo o país. Estes grupos de teatro constituem-se de forma voluntária, por pessoas com diferentes backgrounds sociais e idades, revelando a sua paixão pelo Teatro de Revista. O trabalho destas organizações e as pessoas que fazem este tipo de teatro são o foco deste estudo.

Palavras-Chaves: Associações Culturais, Democracia Cultural, Comunidade Local, Rede de Sociabilidade.

Abstract

The Revista à Portuguesa, the portuguese expression of the *Teatro de Revista*, reflects on portuguese identity, history, and popular culture. It has followed the economic, cultural and political changes that have taken place in Portugal throughout history. Today, the professional *Teatro de Revista* is performed at the Teatro Maria Vitória, surviving the changes and dynamics of the gentrification of the city of Lisbon and the renovation of the surrounding buildings in *Parque Mayer*. This study focuses on the *Teatro de Revista*, particularly on amateur theater, and how it has survived through cultural organizations located in Lisbon's neighborhoods, where shows are produced and performed, then circulated throughout the country. These theater groups are formed voluntarily, by people of different social backgrounds and ages, who show their passion for *Teatro de Revista*. The work of these organizations and the people who create this type of theatre are the focus of this study.

Keywords: Cultural Associations, Cultural Democracy, Local Community, Sociability Network.

Índice

Agradecimento	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Introdução	1
Capítulo 1. Revisão da Literatura	7
1.1. Introdução ao Teatro de Revista Amador	7
1.2. Rituais e Dinâmicas Performativas	8
1.3. Hibridismo no Teatro de Revista	9
1.4. Políticas Culturais e Coletividades	10
1.5. Teatro Amador e Comunidade	11
Capítulo 2. Metodologia	13
2.1. Enquadramento Metodológico	13
2.2. Recolha e Análise de Dados	14
2.2.1. Recrutamento de participantes e perfil	14
2.2.2. Entrevistas	15
2.2.3. Observação Participante	15
2.2.4. Análise Documental	16
2.2.5. Análise de Dados	16
2.3. Éticas e Campo de Investigação	17
Capítulo 3. Análise e Discussão de Dados	19
3.1. Participação no Teatro de Revista Amador	19
3.2. Tradição e Inovação	22
3.3. Sustentabilidade	25
3.4. Impacto Social	30
3.5. Integração Cultural	34
Conclusões	37

Referências Bibliográficas	42
Anexos	45
Anexo A – Guiões das Entrevistas	45
Anexo A.1. – Guião da Entrevista ao Presidente da coletividade	45
Anexo A.2. – Guião da Entrevista ao Encenador da companhia de teatro	48
Anexo A.3. – Guião da Entrevista aos membros da coletividade e da companhia de teatro	50
Anexo B – Registos fotográficos	52
Anexo B.1. – Bandeira da coletividade	52
Anexo B.2. – Fachada da coletividade	52
Anexo B.3. – Salão (Espetáculos, alugueres, aulas)	53
Anexo B.4. – Sessão de Teatro de Revista	53
Anexo B.5. – Ato do Teatro de Revista	54
Anexo B.6. – Museu da coletividade	54
Anexo B.7. – Noites de Fados	55
Anexo B.8. – Arraial de Santo António	55
Anexo B.9. – Torneio de Futsal	56
Anexo B.10. – Almoço de Aniversário (Convívio)	56
Anexo B.11. – Alguns elementos voluntários, sócios e dirigentes	57

Introdução

O presente estudo centra-se na análise do Teatro de Revista Amador, um género teatral português que combina música, dança, comédia e crítica social, e que tem desempenhado, ao longo do tempo, um papel relevante na preservação da memória cultural, na promoção de participação comunitária e na formação de identidades coletivas. Historicamente, o Teatro de Revista emergiu como uma forma de arte popular que refletia, muitas vezes de forma satírica, acontecimentos sociais, políticos e culturais do país, constituindo-se como um espaço privilegiado de expressão cultural e interrogação das normas vigentes (Rebello, 1984; Berjeaut, 2005). Parte-se da premissa de que o Teatro de Revista, tradicionalmente associado à cultura popular urbana, sobreviveu ao longo do tempo devido ao esforço persistente das coletividades e associações culturais que se dedicam à preservação de práticas artísticas profundamente enraizadas nas comunidades locais. Embora frequentemente enquadrado como prática amadora, este género teatral revela complexidade na organização das equipas, na interpretação e na relação com o público, funcionando como instrumento de socialização, aprendizagem informal e construção de capital cultural.

O contexto urbano contemporâneo, caracterizado por rápidas transformações, processos de gentrificação, fluxos turísticos intensos e a conseqüente perda de espaços públicos, torna a atuação das coletividades culturais ainda mais relevante. No contexto urbano de Lisboa, o Teatro de Revista Amador tem sobrevivido sobretudo através da ação de associações culturais locais, que fornecem estrutura, espaço e mediação para que estas práticas se mantenham ativas.

Estas associações culturais, geralmente de base voluntária, constituem importantes espaços de experiência artística e social, onde diferentes gerações e grupos sociais se encontram, colaboram e produzem experiências culturais significativas.

Entre estas associações, destaca-se o Grupo Dramático e Escolar “Os Combatentes”, localizado na freguesia da Estrela, em Lisboa, que se constitui como o estudo de caso deste trabalho. Grupo Dramático e Escolar “Os Combatentes” (GDEC) é uma coletividade centenária, fundada em 30 de setembro de 1906, com sede na Rua do Possolo, números 5-9, em Lisboa, no bairro da Estrela (Grupo Dramático e Escolar Os Combatentes, n.d.). Desde cedo se distinguiu como espaço de promoção da cultura, do recreio, do desporto e da educação: mantinha uma escola primária que funcionou de 1924 até à década de 1990, para garantir escolaridade inicial às crianças associadas e ao bairro, graças às quotas dos sócios (Henriques, n.d.). Em 1934, foi agraciada com o grau de Cavaleiro da Ordem de Benemerência, reconhecimento oficial pelo seu contributo social (Grupo Dramático e Escolar Os

Combatentes, n.d.). Ao longo dos anos, ofereceu diferentes tipos de atividades culturais regulares — teatro de revista, teatro infantojuvenil, expressão dramática, encontros de fado, galeria de arte, convívios, passatempos recreativos, festas populares, eventos comunitários como o “Páteo Estrela” — bem como desportivas e de lazer para várias idades (Grupo Dramático e Escolar Os Combatentes, n.d.). O GDEC também preserva a sua história através de um museu e de um espaço expositivo, onde guarda objetos escolares, fotográficos e documentação antiga, permitindo revisitar quotidianos passados do bairro e da escola (Dossonhos, 2006). Recentemente, inaugurou uma Galeria de Arte para exposições regulares e temporárias, gratuita para expositores, reforçando a missão de ser um espaço inclusivo de cultura para todos (Arte351, 2025).

O seu percurso ilustra a capacidade de adaptação das coletividades culturais frente a desafios socioeconómicos e urbanísticos, tais como a escassez de recursos, a pressão sobre os espaços físicos e a necessidade de renovação geracional. Esta coletividade ilustra a capacidade de articular tradição e inovação, integrando diferentes gerações na criação e interpretação de espetáculos, promovendo a aprendizagem teatral, mas também a coesão comunitária e, numa análise mais fina, a democratização do acesso à cultura.

O foco deste estudo na coletividade “Os Combatentes” permite analisar, de forma aprofundada, as práticas internas de organização, os mecanismos de produção do teatro amador, as motivações e perfis dos participantes, bem como a relação com os públicos locais e a circulação cultural no contexto nacional. Esta escolha justifica-se pelo reconhecimento deste grupo como “espaço estratégico” de preservação e transformação cultural, um local onde o Teatro de Revista se mantém vivo, adaptando-se a novos desafios e contextos sociais sem perder as suas raízes históricas. O estudo procura, assim, compreender como é que esta coletividade consegue equilibrar tradição e inovação, fomentando simultaneamente práticas pedagógicas, sociais e culturais que reforçam a democracia cultural, entendida como o direito de todos os cidadãos à participação efetiva na vida cultural, à diversidade de expressões e à circulação de saberes (v. a definição da UNESCO, 2002; e o enquadramento teórico que sustenta o estudo, com destaque para os contributos de Bourdieu, 1996; e, mais recentemente, Rego, 2023).

A escolha do estudo do Teatro de Revista Amador, através do caso da coletividade “Os Combatentes”, surge não apenas do interesse académico e pessoal — como participante ativa no grupo —, mas também da perceção da vitalidade cultural que estes grupos trazem à cidade de Lisboa.

Como experiência pessoal, a convivência com o grupo trouxe uma perspetiva mais próxima sobre o papel das associações culturais locais, permitindo vivenciar a forma como estas coletividades funcionam como mediadoras entre a tradição e a inovação, entre o passado e o presente, e o seu contributo para a democratização do acesso à cultura. É na interação entre pessoas, práticas culturais

e comunidade que reside o verdadeiro valor do Teatro de Revista Amador, e que torna a coletividade “Os Combatentes” um exemplo inspirador do potencial transformador da cultura em contexto urbano.

A relevância científica do estudo também se apoia na lacuna teórica pela escassez de literatura sobre o Teatro de Revista, em contextos amadores, sobretudo em ambientes urbanos. Embora haja investigações sobre Teatro de Revista profissional, como o estudo do contexto histórico do Teatro de Revista no Estado Novo, de Costa (2013), ou a apresentação de hipóteses de estudo sobre os públicos do teatro em Portugal de Monteiro (1994), são escassos os estudos que analisam a criação artística, no Teatro de Revista, de base comunitária, desenvolvida por associações e coletividades locais.

Esta dissertação pretende contribuir para preencher este vazio, valorizando o conhecimento produzido pelas próprias comunidades e reconhecendo o papel estratégico destas práticas na vida cultural da cidade. A experiência de observar eventos e apresentações, de ouvir os relatos dos participantes e de perceber o entusiasmo e a dedicação que cada indivíduo deposita nas suas funções permite compreender o teatro amador como um espaço vivo de aprendizagem, partilha e construção comunitária.

A presente investigação parte da seguinte pergunta: de que forma as associações culturais locais, como o Grupo Dramático e Escolar “Os Combatentes”, contribuem para a organização, sustentabilidade e circulação do Teatro de Revista Amador, e de que maneira as suas práticas promovem a participação comunitária, a integração social, e a democratização cultural, em Lisboa? Através desta questão central, definiram-se três objetivos específicos que orientam o estudo.

O primeiro consiste em analisar a organização do Teatro de Revista Amador, identificando quem são e o que mobiliza os indivíduos que se envolvem em processos de criação artística amadora, explorando as suas motivações, experiências e trajetórias.

O segundo objetivo visa compreender a importância do associativismo local na manutenção do teatro amador, analisando a forma como esta coletividade garante recursos, infraestrutura e continuidade cultural.

Por fim, o terceiro objetivo foca-se na relação entre a associação cultural e a promoção da democracia cultural, examinando como o teatro contribui para a inclusão, formação de competências sociais e culturais, e o fortalecimento do “capital social comunitário”.

A escolha da abordagem metodológica recai sobre métodos qualitativos, por permitirem aprofundar o conhecimento sobre as práticas culturais, as relações interpessoais e os processos de participação na coletividade: as entrevistas, a observação participante e a análise documental.

Foram realizadas duas entrevistas semi-estruturadas, uma com o Presidente da coletividade e outra com o Encenador da companhia de teatro, de modo a compreender as perspetivas de liderança e gestão, as estratégias de organização e os desafios enfrentados na manutenção do grupo. De forma complementar, realizaram-se dez entrevistas estruturadas com membros da coletividade e da

companhia, permitindo captar as suas percepções variadas sobre: a participação, a aprendizagem, a interação social e a vivência artística. Esta combinação metodológica integra diferentes pontos de vista e promove uma análise abrangente que articula teoria sociológica clássica e contemporânea com evidência empírica (Freire, 1987 [1970]; Certeau, 1998).

Como sublinha Freire (1987 [1970]): “Não existe ensino sem aprendizagem; não existe aprendizagem sem ensino. É necessário que teoria e prática se articulem na ação transformadora” (p.25).

A observação participante, efetuada ao longo do estudo em apresentações da companhia de teatro e atividades comunitárias promovidas pela coletividade, também foi outro método utilizado, bem como a análise documental de materiais históricos, programas de espetáculo, fotografias e registos internos da associação. Estes procedimentos permitiram mapear os processos de organização e produção, identificar indicadores de participação e sustentabilidade, e compreender a dinâmica de transmissão de saberes, integração intergeracional e apropriação cultural por parte dos participantes. A análise realizada é sustentada pelos conceitos-chave deste estudo, tais como identidade cultural, democracia cultural, associativismo, inovação pedagógica, participação comunitária e sustentabilidade cultural, permitindo interpretar as práticas culturais do grupo de forma contextualizada e aprofundada.

Ao privilegiar a observação direta, as entrevistas detalhadas e a análise documental, o estudo promove a compreensão de como o Teatro de Revista Amador articula: (i) tradição, inovação e sustentabilidade; (ii) aprendizagem, entretenimento e participação; e (iii) desenvolvimento pessoal, coesão comunitária e integração cultural. A escolha da coletividade “Os Combatentes” como estudo de caso oferece *insights* sobre a dinâmica interna do grupo, as relações intergeracionais e a forma como a cultura amadora pode operar como catalisador de cidadania cultural e democratização do acesso à cultura. Os dados recolhidos permitem ainda explorar a inter-relação entre participação voluntária, gestão associativa e impacto comunitário, demonstrando que a prática do teatro amador contribui para o fortalecimento do tecido social urbano e para a construção de uma identidade cultural ativa e compartilhada.

No âmbito mais amplo da investigação sociocultural sobre práticas culturais amadoras, sublinha-se a relevância de associativismo local e participação comunitária para a sobrevivência de expressões artísticas populares. A análise do Teatro de Revista Amador através da coletividade “Os Combatentes” revela que práticas culturais locais podem gerar efeitos duradouros no plano social, educativo e cultural, promovendo integração, aprendizagem, inovação e transformação social. Ao apresentar objetivos específicos, metodologia estruturada e organização detalhada da análise, esta pesquisa estabelece um enquadramento sólido para compreender o papel estratégico do Teatro de Revista

Amador na preservação da cultura portuguesa e na promoção da democracia cultural, nas comunidades urbanas de Lisboa.

O papel do teatro amador como espaço de inclusão e representação social, é um dos aspetos relevantes para o estudo. Uma coletividade como “Os Combatentes” permite dar voz a indivíduos de diferentes faixas etárias, classes sociais, níveis de escolaridade e nacionalidades. Este carácter inclusivo reforça a coesão comunitária, promove o respeito pela diversidade e fortalece o tecido comunitário, contribuindo para a construção de uma cultura mais aberta e democrática. A prática teatral amadora transforma-se, assim, numa ferramenta de empoderamento individual e coletivo, consolidando o conceito de cidadania cultural como direito de todos os cidadãos.

Esta investigação tornou evidente que, para além da dimensão artística, o Teatro de Revista constitui um verdadeiro laboratório social, onde a criatividade se alia à responsabilidade coletiva e onde saberes e tradições são transmitidos entre gerações.

Em termos de relevância sociopolítica, esta investigação enfatiza que a valorização da cultura popular amadora não é apenas uma questão estética ou recreativa, mas uma questão de justiça social e cidadania. Em contextos de desigualdades económicas, erosão dos laços comunitários e crescente homogeneização cultural, reconhecer o papel do teatro amador constitui um ato de afirmação da importância da cultura como bem comum, acessível e transformador.

A estrutura do texto – apresentada em três capítulos - foi pensada de forma a refletir diferentes dimensões do Teatro de Revista Amador e da atuação da coletividade “Os Combatentes”.

Na “Revisão da Literatura”, discute-se literatura relevante sobre o Teatro de Revista Amador, articulando a sua evolução histórica, as dimensões socioculturais e teóricas que o atravessam, bem como as perspetivas contemporâneas sobre participação cultural e políticas públicas. Estruturado em cinco pontos temáticos, o capítulo inicia-se com uma “Introdução ao Teatro de Revista Amador”, destacando a sua origem e relação com o Teatro de Revista profissional, bem como o papel central das coletividades na sua preservação e dinamização. Segue-se a análise de “Rituais e Dinâmicas Performativas”, incorporando contributos clássicos e contemporâneos das ciências sociais para compreender o fenómeno do Teatro de Revista, em Portugal, particularmente na sua expressão amadora. Posteriormente, aborda-se o “Hibridismo no Teatro de Revista”, antes de se discutir o enquadramento das “Políticas Culturais e Coletividades”. Por fim, apresenta-se o “Teatro Amador e Comunidade”, evidenciando a relevância do Teatro de Revista Amador enquanto prática cultural, comunitária e democrática.

No capítulo “Metodologia”, pretende-se clarificar e justificar a abordagem escolhida, bem como detalhar os procedimentos de recolha e análise de dados. Assim, o capítulo é constituído por três pontos temáticos: no primeiro, procede-se ao “Enquadramento Metodológico”; no segundo, são apresentados os métodos de “Recolha e Análise de Dados”; por fim, o terceiro ponto foca-se nas

“Éticas e Campo de Investigação”, assegurando a transparência e o rigor científico do processo de investigação.

A “Análise e Discussão de Dados” foi dividido em cinco pontos temáticos, onde se abordam diferentes dimensões de análise do objeto de estudo, ainda que se denotem interligações entre elas. Primeiramente, “Participação no Teatro de Revista Amador”, centrada na aprendizagem informal, no desenvolvimento de competências técnicas, sociais e pessoais, e na interação intergeracional promovida pelo teatro amador. Em segundo, “Tradição e Inovação”, explora a forma como a coletividade combina preservação de práticas tradicionais do Teatro de Revista com inovações pedagógicas e contemporâneas, garantindo relevância cultural e continuidade histórica. No terceiro ponto, “Sustentabilidade”, analisa os mecanismos organizacionais, estratégias de financiamento, gestão participativa e o envolvimento da comunidade na manutenção do grupo. O quarto, “Impacto Social”, aborda a contribuição deste grupo de teatro amador para o fortalecimento de laços sociais, inclusão, solidariedade e capital social local. No quinto, “Integração Cultural”, foca-se a integração de saberes culturais e o papel deste Teatro de Revista na promoção de mudanças sociais através da prática artística.

Por fim, “Conclusões”, apresenta os principais resultados alcançados, responde à pergunta de investigação, e reflete sobre os contributos do estudo para o campo científico e social, e aponta limitações e perspetivas futuras de investigação.

Revisão da Literatura

1.1. Introdução ao Teatro de Revista Amador

O Teatro de Revista Amador, em Portugal, representa uma tradição cultural profundamente enraizada nas dinâmicas sociais de bairros urbanos e coletividades locais. Ainda pouco estudado, na sua relação com as coletividades locais, este género teatral combina sátira política, crítica social, humor popular, música e dança; e, nessas coletividades, parece consolidar-se como uma forma de “expressão artística acessível e participativa” (Rego, 2023; Bonet & Négrier, 2018).

Ao longo do século XX, a Revista portuguesa profissional emergiu em espaços urbanos como o Parque Mayer, em Lisboa, criando convenções estéticas que, posteriormente, seriam apropriadas pelas práticas amadoras (Schwalbach, citado em Rego, 2023). No contexto amador, a prática desenvolveu-se em associações culturais, clubes e coletividades de bairro, onde cidadãos comuns assumem papéis de autores, intérpretes, figurinistas e técnicos, produzindo espetáculos baseados em memórias locais e nas experiências quotidianas.

O carácter multidisciplinar do Teatro de Revista Amador, conjugando música, dança, encenação e opinião social, reforça o seu papel enquanto manifestação cultural completa e envolvente. Esta natureza participativa distingue-o da vertente profissional, permitindo uma experiência de coprodução simbólica e de envolvimento comunitário. Conforme Putnam, Leonardi e Nonetti (1994) argumentam, tais práticas amadoras contribuem para a criação de capital social, fortalecendo redes de confiança, cooperação e sentido de pertença comunitária. *“Social capital here refers to features of social organization, such as trust, norms, and networks, that can improve the efficiency of society by facilitating coordinated actions (...)”* (Putnam et al., 1994, p. 167).

A reflexão sobre democracia cultural, em contraste com a noção tradicional de democratização da cultura, é central para compreender a relevância do teatro amador. A democratização cultural pressupõe a difusão de uma cultura legitimada junto das massas, enquanto a democracia cultural reconhece a legitimidade de todas as formas de expressão e defende o direito de todos à criação e fruição artística (Dubois & Méon, 2013). Nesse contexto, associações e coletividades culturais locais funcionam como espaços de mediação cultural, preservando identidades locais, promovendo coesão territorial e resistindo à homogeneização cultural resultante de processos de gentrificação e turismo em massa (Mendes, 2018).

Historicamente, o associativismo cultural em Portugal remonta a movimentos populares e operários do início do século XX, funcionando como plataformas de resistência cultural durante o

Estado Novo e consolidando-se, após 25 de Abril de 1974, como núcleos de democracia participativa (Costa, 2008). O caso da coletividade “Os Combatentes”, com mais de um século de atividade, exemplifica a função destas associações como “guardiãs” de património cultural imaterial, conforme discutido por Holden (2004) acerca do papel das organizações culturais na construção de significado e participação comunitária.

1.2. Rituais e Dinâmicas Performativas

O Teatro de Revista Amador não pode ser compreendido isoladamente como prática artística; é simultaneamente, um fenómeno social, político e educativo.

Durkheim (2023 [1912]) observa que os rituais e festividades geram uma “efervescência coletiva”, reforçando solidariedades e reconfigurando identidades. Transpondo esta perspetiva para o teatro comunitário, os palcos das coletividades funcionam como espaços rituais leigos e seculares nos quais a audiência se reconhece, renovando laços de pertença e identidade coletiva. Turner (1982), ao desenvolver a noção de liminaridade, complementa essa leitura: a transição das situações do quotidiano para o palco cria um espaço de suspensão hierárquica, onde atores e público experimentam a *communitas*, uma sensação de igualdade, ainda que temporariamente.

Do ponto de vista da teoria crítica, Marx (1996 [1867]) e Gramsci (1999) permitem discutir o teatro popular como campo de disputa hegemónica. Enquanto reproduz certas normas sociais, o Teatro de Revista Amador também oferece instrumentos de contestação simbólica e resistência cultural. Williams (1983 [1976]) reforça esta perspetiva ao propor a cultura como “modo de vida”, valorizando práticas populares como veículos de memória coletiva e linguagem comum. Assim, o teatro amador pode simultaneamente reproduzir e contestar estruturas sociais, políticas e culturais.

Os contributos de Weber (1978 [1922]) e Simmel (2006) acrescentam a dimensão da sociabilidade e resistência à racionalização, valorizando a diversão, a tradição e os laços da comunidade, em vez de funcionar só como negócio ou espetáculo profissional. Em contextos urbanos modernos, caracterizados por burocratização e mercantilização, as coletividades e práticas amadoras constituem “micro espaços de ação social” orientada por valores comunitários e afetivos, oferecendo alternativas às interações instrumentais. Giddens (1984) complementa esta linha de argumentação ao salientar que estas práticas não são apenas moldadas por estruturas, mas também as transformam, criando rotinas de ensaio, festivais e redes de colaboração que consolidam identidade local.

A *performance* do Teatro de Revista é também central para compreender o seu impacto social. Nesta dimensão, destacam-se os contributos sobre do papel social e performativo do teatro, de Goffman (2002 [1959]). O autor descreve a vida social como “apresentação de si”, enquanto Schechner (2003) sublinha o conceito de *restored behavior*, para falar de gestos, piadas e fórmulas satíricas que

são recicladas e reinterpretadas. Alexander (2011) destaca a necessidade de credibilidade e eficácia performativa, reforçada quando o elenco é composto por membros da própria comunidade. Rancière (2009) desloca o foco para o público, enfatizando a co-interpretação do sentido como forma de emancipação cultural. Portanto, todos estes contributos ajudam a analisar o teatro amador como prática social, cultural e performativa, e como esta prática fortalece a coesão comunitária, o capital social e a participação do público.

Reforçando esta ideia, Rego (2023) indica que:

(...) na democracia cultural a participação ativa e cívica dos cidadãos está associada a uma ênfase colocada no valor das decisões tomadas pelos coletivos de cidadãos (Duxbury e Jeannotte 2017; Bonet e Négrier 2018). Note-se que a participação cívica é aqui entendida em sentido amplo, como ação voluntária que desenvolve capacidades individuais, relacionando-se com a assunção de responsabilidades, quer no interesse individual quer no da comunidade e, por essa via, com a criação da própria comunidade e o exercício da democracia, sendo frequentemente enquadrada em associações voluntárias (Sckocpol e Fiorina 1999) (p. 197).

No Teatro de Revista Amador, a partilha de códigos locais e as alusões políticas transformam o espetador em “participante ativo”, contribuindo para a construção de capital social e consciência coletiva.

1.3. Hibridismo no Teatro de Revista

O Teatro de Revista Amador revela grande flexibilidade estética e capacidade de atualização, incorporando elementos digitais, referências mediáticas contemporâneas e tensões sociais emergentes. Esta “hibridez cultural”, conforme proposta por Canclini (1995), articula tradições populares e influências modernas, ou seja, o teatro amador é relevante para diferentes gerações e contextos sociais.

A dimensão pedagógica e emancipatória do teatro é igualmente relevante. Boal (1991) desenvolveu o Teatro do Oprimido, enfatizando a transformação de espetadores em agentes ativos. Embora com métodos distintos, o Teatro de Revista Amador compartilha esta lógica: humor, sátira e participação transformam o palco num espaço de crítica social e aprendizagem cívica. Mezirow (1991) complementa esta perspetiva ao introduzir a aprendizagem transformativa, em que experiências estético-reflexivas, como a criação coletiva de uma peça baseada nas histórias de vida ou a improvisação sobre situações de exclusão ou desigualdade, permitem aos participantes reconfigurar suas interpretações e relações com o mundo.

As práticas intergeracionais, como a interpretação dos jovens sobre momentos históricos vividos pelos mais velhos ou a exploração de expressões linguísticas atuais por diferentes gerações, características das coletividades, reforçam a transmissão de saberes e linguagens artísticas. Ensaios, bastidores e *workshops* funcionam como espaços de aprendizagem situada (Wenger, 1998), onde participantes adquirem competências técnicas e sociais, consolidando redes comunitárias e fortalecendo identidades locais. Esta dimensão contribui para a sustentabilidade cultural e social do teatro amador, permitindo que tradições populares se perpetuem e reinventem continuamente.

Estudos de *performance*, espaço social transformador, inspirado nos rituais e nas celebrações comunitárias, como a exploração de narrativas afetivas, que promovem conexão profunda com o público, no caso do Teatro de Revista, o “quadro sério”, demonstram que a liminaridade e a *communitas* facilitam experiências intensamente partilhadas, nas quais atores e público reconfiguram temporariamente as relações sociais (Turner, 1982). Cada espetáculo torna-se, assim, momento de co-criação de sentido, em que o público pode interagir diretamente com os atores, combinando estética, humor, crítica e memória local.

1.4. Políticas Culturais e Coletividades

A análise do Teatro de Revista Amador deve incluir uma alusão à importância das políticas culturais e mecanismos de apoio à cultura popular.

A Direção-Geral das Artes (DGARTES) implementa programas de apoio às associações culturais não profissionais, incluindo grupos de teatro amador. Por exemplo, em 2021, foi anunciado apoio a 65 entidades na Região de Lisboa e Vale do Tejo, abrangendo áreas como música, teatro, dança e artes plásticas (DGArtes, 2021).

O programa Criar - Cultura Portugal estabelece regimes de apoio à criação e produção artística, incluindo o teatro amador. Este programa visa apoiar a atividade regular de associações e coletividades, promovendo a criação e a difusão cultural em diversas regiões do país (Cultura Portugal, 2021).

A democracia cultural, como definida por Dubois e Méon (2013) e pela UNESCO (2005), reconhece o direito de todas as comunidades à produção e valorização das suas expressões culturais. Coletividades, como “Os Combatentes”, funcionam como infraestruturas culturais locais, permitindo participação, aprendizagem e coesão social, em consonância com a literatura sobre capital social (Putnam, 2000).

A investigação empírica em contextos urbanos, incluindo Portugal, evidencia benefícios sociais significativos (os estudos de Lopes & Dias, 2014; Costa, 2013; Delgado, 2022, sobre teatro). Matarasso (1997) indica ganhos em empatia, comunicação e coesão comunitária, especialmente entre jovens

participantes. Ensaios e workshops em coletividades permitem avaliar mudanças percebidas pelos envolvidos, captando dimensões não económicas e qualitativas do impacto cultural (Bonet & Négrier, 2018).

No entanto, as lacunas persistem. Há escassez de estudos longitudinais sobre trajetórias de coletividades, análise comparativa entre bairros e cidades, cruzamento de arquivos museológicos com história oral e avaliação detalhada de impactos sociais e culturais específicos do Teatro de Revista Amador. Esta lacuna evidencia a necessidade de políticas públicas que reconheçam práticas locais como bens culturais, evitando instrumentalizações simplistas ou a subvalorização do amadorismo (Throsby, 2000; Holden, 2004).

As coletividades enfrentam ainda desafios estruturais. Modelos de financiamento competitivos podem privilegiar organizações com maior capacidade burocrática, penalizando grupos de menor dimensão ou recursos limitados. A literatura recomenda uma abordagem de “ecologia cultural” (Holden, 2015 [2004]), que reconhece as interdependências entre atores profissionais e amadores, municípios e coletividades, escolas e organizações informais (v. ainda os contributos de Klinenberg, 2019; e o estudo empírico de Rego, 2023, Rego & Borges, 2021).

1.5. Teatro Amador e Comunidade

O Teatro de Revista Amador possui uma relevância que transcende a dimensão puramente estética ou recreativa, desempenhando um papel significativo na promoção da democracia cultural e na consolidação de redes comunitárias (Dubois & Méon, 2013; UNESCO, 2005). Ao envolver os participantes de forma ativa, fomenta a aprendizagem transformativa, permitindo que atores, técnicos e público reflitam sobre experiências coletivas, questões sociais e contextos históricos, enquanto adquirem competências técnicas, sociais e culturais (Mezirow, 1991; Wenger, 1998). Além disso, este tipo de teatro possibilita a transmissão intergeracional de saberes, ao articular memórias, tradições e linguagens culturais entre diferentes gerações, fortalecendo identidades locais e perpetuando práticas culturais populares (Canclini, 1995; Matarasso, 1997).

As coletividades, enquanto mediadoras culturais, assumem um papel estratégico na preservação e valorização das identidades comunitárias. Elas funcionam como espaços de aprendizagem situada, onde ensaios, bastidores e *workshops* se transformam em locais de socialização, experimentação e co-criação artística (Boal, 1991; Turner, 1982). Este ambiente não apenas assegura a continuidade das tradições, mas também incentiva a participação crítica, permitindo que os participantes e o público reflitam sobre questões contemporâneas, tensionando memória coletiva e realidade atual (Rancière, 2009; Putnam, 2000).

Em síntese, o Teatro de Revista Amador não se limita a entreter; representa uma tecnologia cultural de resistência e criação de sentido (Throsby, 2000; Holden, 2004), capaz de integrar atores, público, comunidade e instituições num ecossistema cultural dinâmico (Holden, 2015 [2004]; Klinenberg, 2019). Este processo fortalece a coesão social, o capital cultural e a vitalidade das cidades portuguesas, ao transformar espaços locais em plataformas de expressão, aprendizagem e crítica social, garantindo que práticas culturais amadoras continuem a desempenhar um papel central na vida coletiva e na construção de identidades comunitárias resilientes (Bonet & Négrier, 2018; Rego, 2023).

Metodologia

2.1. Enquadramento Metodológico

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, centrada na compreensão aprofundada dos significados produzidos pelos participantes e membros da coletividade “Os Combatentes”, no contexto do Teatro de Revista Amador.

Esta escolha metodológica permite explorar, de forma detalhada, as práticas culturais, relações comunitárias e processos de criação artística, permitindo captar a complexidade social e simbólica que caracteriza o teatro amador enquanto prática cultural comunitária. Conforme afirmam Denzin e Lincoln (2018, p.46), abordagens qualitativas privilegiam o “entendimento das experiências humanas em contextos naturais, na interpretação e construção de sentidos, preterindo generalizações estatísticas” (tradução minha).

O estudo recorre a um estudo de caso único – a associação “Os Combatentes” -, intensivo e interpretativo, permitindo reconstruir detalhadamente o ecossistema do grupo teatral, incluindo as suas rotinas, repertórios, relações com a comunidade e impacto sociocultural. Stake (1995) sublinha que o estudo de caso é particularmente adequado quando se pretende responder a questões do tipo “como” e “porquê”, num contexto complexo e interligado. Yin (2018) reforça que o estudo de caso permite explorar fenómenos contemporâneos dentro de contextos reais, especialmente quando os limites entre fenómeno e contexto não são claramente delineados. Assim, a escolha de um “estudo de caso único” permite analisar - de uma forma aprofundada - a relação entre o Teatro de Revista Amador e a coletividade, considerando os fatores sociais, históricos e culturais que influenciam a prática artística.

O Teatro de Revista Amador, enquanto prática cultural amadora, articula dimensões artísticas, sociais e pedagógicas, constituindo um espaço de expressão, formação e inclusão. A abordagem metodológica adotada permite analisar de que modo a participação no teatro contribui para competências sociais, emocionais e cognitivas, conforme defendem Freire (1987 [1970]) e Giroux (1988), e como a coletividade atua na preservação da memória cultural e no fortalecimento de laços comunitários.

Bourdieu (1996) argumenta que práticas culturais enraizadas na comunidade permitem a construção de identidade e socialização dos indivíduos, resistindo às forças de homogeneização cultural. Nesse sentido, o Teatro de Revista Amador não é apenas uma expressão artística, mas também um espaço de resistência simbólica, preservação da memória coletiva e fortalecimento da

coesão social, o que reforça a pertinência de uma abordagem qualitativa para compreender estas dimensões complexas.

2.2. Recolha e Análise de Dados

Para compreender a complexidade do Teatro de Revista Amador em coletividades como o grupo “Os Combatentes”, a investigação combinou três técnicas complementares de recolha de dados: (1) entrevistas, (2) observação participante e (3) análise documental, permitindo a “triangulação metodológica” que fortalece a validade e coerência dos resultados (Denzin & Lincoln, 2018).

2.2.1. Recrutamento de participantes e perfil

O contacto com os participantes deste estudo revelou-se facilitado pela minha experiência prévia no teatro amador: fui atriz na companhia, durante 7 anos, desempenhei funções de dirigente na coletividade e, atualmente, sou sócia, o que me permitiu estabelecer uma relação de confiança com os membros que entrevistei.

Os participantes deste estudo foram convidados através de abordagens informais, realizadas pessoalmente no interior da coletividade, onde lhes foi apresentado o objetivo da investigação e o propósito da dissertação, assegurando a compreensão plena do estudo e o seu consentimento informado. Desde o início, decidiu-se entrevistar o Presidente da coletividade e o Encenador da companhia de teatro, em virtude das suas posições centrais e do conhecimento abrangente sobre as dinâmicas e práticas do grupo.

Para além destes, foram selecionados dez membros da coletividade e da companhia de teatro, de forma a refletir a diversidade de perfis e experiências presentes. A representação de género foi equilibrada, com participantes masculinos e femininos distribuídos de forma igualitária. Quanto à faixa etária, procurou-se incluir todas as gerações participantes, garantindo a diversidade geracional. No que respeita à residência, foram incluídos indivíduos que viviam na junta de freguesia da coletividade e outros provenientes de fora da mesma. O nível de escolaridade também apresentou variedade, abrangendo participantes com licenciatura, com o 12.º ano e com o ensino básico. Finalmente, a diversidade de posições e funções dentro da coletividade e da companhia de teatro foi igualmente considerada, incluindo atores, sócios e ex-atores, voluntários e ex-atores, dirigentes, dirigentes e ex-atores, dirigentes e ex-assistentes de camarim, bem como dirigentes com responsabilidades técnicas em som e luzes.

Esta diversidade cuidadosamente ponderada permitiu captar um conjunto amplo e representativo de perspetivas, experiências e funções, fornecendo uma base sólida para a análise das práticas, dinâmicas e interações no seio da coletividade e da companhia de teatro.

2.2.2. Entrevistas

Foram conduzidas 12 entrevistas presenciais, com três grupos distintos: (1) Presidente da coletividade, (2) Encenador da companhia e (3) membros da coletividade e companhia de teatro. Foram preparados guiões distintos: dois guiões semi-estruturados, direcionados ao Presidente da coletividade e ao Encenador da companhia de teatro, e um terceiro guião estruturado destinado aos membros da coletividade e da companhia, totalizando dez entrevistados neste último grupo [ver ANEXOS A.1., A.2. e A.3., respetivamente]. A escolha das entrevistas semi-estruturadas permitiu explorar tópicos previamente definidos, mantendo flexibilidade para abordar outros temas emergentes; enquanto o guião estruturado garantiu a recolha de “informação comparável” entre os diferentes participantes (Kvale & Brinkmann, 2015).

As entrevistas abordaram as seguintes dimensões: caracterização sociodemográfica, organização do teatro, motivações para fazer teatro amador, envolvimento comunitário, relações com associações e instituições locais, perceção sobre o que é a democracia cultural e o impacto social do teatro, bem como expectativas futuras.

Cada entrevista teve a duração aproximada de 30 a 60 minutos, foi gravada, transcrita e validada através de *member checking*, assegurando fidelidade aos significados atribuídos pelos participantes (Lincoln & Guba, 1985, p. 314). Esta validação permitiu ajustar interpretações e reduzir vieses, garantindo que os relatos refletissem as experiências e perceções autênticas dos(as) entrevistados(as).

2.2.3. Observação Participante

Por seu turno, a observação participante decorreu entre novembro de 2023 e junho de 2025; constituindo uma componente central da investigação. Foi assumida a posição de observadora participante, como espetadora, registando sistematicamente as interações entre membros da coletividade e da companhia de teatro, em dias de apresentação e eventos (Emerson et al., 2011). Esta abordagem permitiu documentar processos de cooperação, gestão emocional e socialização intergeracional. O acompanhamento incluiu apresentações da companhia de teatro, assim como eventos e exposições promovidos pela coletividade, possibilitando observar como o teatro e a coletividade se articulam com outras práticas culturais na comunidade e com o tecido associativo local.

A observação direta possibilitou também captar dimensões afetivas e simbólicas do teatro, como relações de confiança, solidariedade e empatia, que constituem o cerne da experiência comunitária e que se revelam nas interações entre participantes. Wenger (1998) e Mezirow (1991) sublinham que a participação em comunidades de prática favorece a aprendizagem colaborativa e o desenvolvimento de competências cognitivas, emocionais e sociais, reforçando a coesão do grupo e a resiliência comunitária, como se demonstrará na análise e discussão de resultados.

2.2.4. Análise Documental

Por fim, a análise documental envolveu materiais obtidos diretamente na coletividade, incluindo documentos cedidos pelo museu da associação, e materiais recolhidos na *internet*. Estes documentos incluíram guiões de espetáculos, programas, cartazes, correspondência interna e registos digitais, permitindo compreender a história da coletividade, a evolução da companhia de teatro e os mecanismos de organização, comunicação e divulgação do teatro amador. Thompson (2010) sublinha que a análise de “documentos culturais” é crucial para compreender como práticas culturais contribuem para a manutenção da memória coletiva e da identidade local.

A análise documental possibilitou também verificar a articulação entre a prática artística e a intervenção comunitária, evidenciando como as atividades culturais são mobilizadas para promover inclusão social, educação informal e preservação de património cultural, reforçando a dimensão da democracia cultural defendida pela UNESCO (2002).

A análise dos dados seguiu uma estratégia combinada de codificação qualitativa e análise temática reflexiva. Inicialmente, procedeu-se à familiarização com os dados, seguida da codificação de primeiro ciclo, incluindo codificação descritiva, *in vivo*, de processos e de valores/emocional. Posteriormente, aplicou-se codificação de segundo ciclo para consolidar categorias e identificar padrões emergentes, integrando conceitos teóricos de democracia cultural, pertença, cidadania cultural e práticas estético-organizacionais. A análise temática, conforme Braun e Clarke (2021 [2006]), permitiu articular categorias emergentes com a literatura sobre cultura popular urbana, associativismo, desempenho e educação informal.

A amostragem adotada foi intencional e teórica, garantindo diversidade de papéis, trajetórias, experiências, idades e géneros dentro da coletividade e da companhia. Esta variação máxima favoreceu a “triangulação por perspetiva” e permitiu identificar convergências e divergências nos discursos, fortalecendo a interpretação dos resultados (Yin, 2018). O acompanhamento de um ciclo anual completo de produção artística permitiu observar processos de montagem, apresentação e avaliação pós-espetáculo, possibilitando análises longitudinais das práticas culturais.

2.2.5. Análise de Dados

Após a apresentação das técnicas de recolha de dados – entrevistas, observação participante e análise documental – torna-se fundamental explicar os conceitos-chave que estruturam a análise desta investigação, bem como as dimensões e indicadores que permitiram interpretar os dados de forma sistemática e rigorosa.

Nos parágrafos seguintes sintetiza-se os principais conceitos teóricos mobilizados, relacionando-os com as dimensões observadas no campo e os indicadores concretos utilizados para a codificação e análise temática dos dados. Esta articulação entre conceitos, dimensões e indicadores assegura uma

análise coerente e alinhada com os objetivos do estudo, permitindo compreender como o Teatro de Revista Amador, enquanto prática cultural amadora, se articula com a coletividade, fortalece relações comunitárias, promove aprendizagem e preserva a memória cultural.

A dimensão social foi abordada através do conceito de identidade cultural, entendida como a forma pela qual o Teatro de Revista expressa a cultura, a história e as tradições portuguesas (Costa, 2008; Canclini, 1995; Williams, 1983 [1976]). Os indicadores mobilizados incluíram a participação dos membros e voluntários nas produções.

Na dimensão cultural, o conceito central foi o próprio Teatro de Revista, enquanto género teatral que combina música, dança e comédia, frequentemente com alusões a temas sociais e políticos (Berjaut, 2005; Costa, 2013; Rebello, 1984). Esta dimensão foi operacionalizada através de indicadores como a frequência de apresentações anuais, a variedade de repertórios e a forma como as produções refletem transformações sociais e políticas.

A dimensão económica relacionou-se sobretudo com o conceito de associações culturais, designadamente as coletividades e associações que sustentam o teatro amador (Rego, 2023; Glow et al., 2021). Nesta dimensão, os indicadores considerados incluíram as fontes de financiamento — públicas e privadas —, o impacto económico local decorrente da organização dos espetáculos e o papel do consumo cultural e do turismo associado às produções.

Por sua vez, a dimensão educativa foi trabalhada a partir do conceito de teatro amador, entendido como prática comunitária que proporciona oportunidades formativas a participantes não profissionais (Delgado, 2022; Serafino, 2022). Os indicadores associados incluíram a frequência e intensidade de ensaios, o desenvolvimento de competências artísticas, sociais e organizacionais, bem como o envolvimento intergeracional no processo criativo.

De modo transversal, o conceito de democracia cultural foi integrado em várias dimensões, destacando o direito de participação de todos os cidadãos na vida cultural. Esta perspetiva foi operacionalizada através de indicadores como a abertura dos grupos à participação da comunidade, o envolvimento dos públicos nos processos culturais e a pluralidade de vozes e expressões presentes nas produções teatrais.

2.3. Ética e Campo de Investigação

A investigação seguiu, rigorosamente, os princípios éticos de consentimento informado, anonimato, confidencialidade e direito de retirada e encriptação dos dados. Riscos potenciais, como exposição indesejada de opiniões críticas ou efeitos da presença, foram mitigados através de entrevistas em locais escolhidos pelos participantes, zonas de não observação e devolução de excertos para validação. Tracy (2010) enfatiza que a atenção ética e a reflexividade são essenciais para assegurar respeito e

rigor em pesquisas qualitativas. A reflexividade foi central durante todo o trabalho de campo, reconhecendo a influência da minha presença no campo e os efeitos da posição *insider/outsider*.

Recolheram-se observações descritivas, diálogos e interpretações analíticas, e adotaram-se estratégias de mitigação através da transparência, escuta ativa e devolução de excertos para validação contínua. Esta prática permitiu registrar deslocamentos, aprendizagens e percepções emergentes durante a interação com os participantes, fortalecendo a credibilidade da interpretação dos dados.

O campo da investigação incluiu espaços físicos da coletividade, como o salão de eventos, palco e áreas de exposição, mas também momentos simbólicos, envolvendo memórias, repertórios de sátira e humor, redes de apoio e mecanismos de cooperação que sustentam a prática teatral. Apesar de se tratar de um “estudo de caso único”, esta abordagem intensiva possibilita generalizações analíticas transferíveis a contextos culturais semelhantes, conforme defendem Stake (1995) e Yin (2018).

A “triangulação metodológica” entre entrevistas, observação participante e análise documental assegurou rigor, validade e profundidade interpretativa. Os dados permitiram identificar dimensões centrais da prática teatral amadora: participação intergeracional, preservação da memória cultural, inovação artística, desenvolvimento de competências sociais e pessoais, coesão comunitária e construção de cidadania cultural. Estas práticas são consistentes com a literatura sobre cultura popular urbana, resistência simbólica e democracia cultural, reforçando que o Teatro de Revista Amador constitui um espaço de inclusão, expressão e formação cívica.

Análise dos Dados Recolhidos

3.1. Participação no Teatro de Revista Amador

A análise detalhada das entrevistas conduzidas junto dos membros da companhia de teatro, demonstra que a participação no Teatro de Revista Amador constitui um espaço privilegiado de aprendizagem informal, desenvolvimento pessoal e social, consolidando-se como prática cultural estratégica e transformadora. Os testemunhos recolhidos revelam que o teatro amador funciona simultaneamente como laboratório artístico e pedagógico, permitindo aos indivíduos explorar capacidades técnicas, expressivas e sociais em contextos colaborativos, como enunciado na literatura (Freire, 1987 [1970]). Entre os participantes, observa-se uma diversidade de perceções sobre a importância do Teatro de Revista que se relaciona diretamente com idade, experiência e funções desempenhadas na coletividade e na companhia de teatro. Os mais jovens destacam a aprendizagem de competências técnicas, como interpretação, direção, cenografia e expressão corporal, bem como habilidades sociais e emocionais.

“Participar no teatro dá-nos confiança, ajuda a trabalhar em equipa e permite expressar ideias de forma artística”.

(Dirigente e ex-ator, 30 anos)

Por outro lado, os participantes com mais idade realçam a importância da transmissão intergeracional de saberes e da preservação da memória cultural.

O caráter colaborativo e integrador da prática cultural é particularmente evidente na organização dos ensaios, construção de cenários, produção de figurinos e na coordenação das apresentações.

“Mesmo sem grandes recursos, conseguimos criar peças de qualidade porque todos contribuem com o que têm, seja tempo, habilidades ou ideias”.

(Dirigente e Técnico de Som e Luzes, 51 anos)

Este testemunho mostra que a aprendizagem informal não se limita ao palco; envolve também competências de gestão, planeamento, negociação e resolução de problemas, permitindo reforçar a importância que a prática do teatro amador tem no fortalecimento de habilidades transferíveis e na

formação de cidadãos críticos e socialmente ativos (no mesmo sentido dos trabalhos de Putnam et al., 1994).

“Aprendi não apenas a atuar, mas também a organizar ensaios, comunicar com colegas e resolver problemas de forma colaborativa”.

(Dirigente e ex-atriz, 41 anos)

No conjunto, estes relatos confirmam que os ensaios do Teatro de Revista criam oportunidades de aprendizagem experiencial, permitindo que os participantes desenvolvam autonomia, confiança e competências interpessoais, tais como empatia, comunicação, liderança e capacidade de trabalho em equipa. A integração destes elementos na prática cultural contribui para a dimensão educativa, definida como o desenvolvimento de habilidades técnicas, sociais e pessoais por meio de experiências participativas (Throsby, 2000; Bonet & Négrier, 2018).

Com as entrevistas realizadas conseguimos também revelar a dimensão afetiva da participação, evidenciando o impacto emocional e motivacional dos ensaios e apresentações.

“Saber que todos contam comigo e que posso contar com os outros faz com que o ensaio seja mais do que um treino; é uma experiência de vida”.

(Ator, 27 anos)

Este comentário sublinha que a participação no teatro amador cria vínculos sociais fortes, promove solidariedade e reforça a coesão comunitária, elementos essenciais da dimensão social do Teatro de Revista, conforme proposto por Costa (2008). A coesão social manifesta-se ainda na interação entre diferentes gerações, que colaboram em atividades conjuntas, transmitindo memórias, valores e experiências.

“(…) a interação de gerações garante continuidade e preserva a cultura, tornando a companhia um verdadeiro espaço de aprendizagem e cidadania”.

(Encenador, 33 anos)

Esta afirmação destaca que a participação ativa, não contribui apenas para o desenvolvimento pessoal, mas também fortalece o tecido social, promove a integração intergeracional e assegura a continuidade das tradições culturais. As experiências compartilhadas entre jovens e pessoas com mais idade ilustram o conceito de “capital social”, no qual a confiança, a reciprocidade e a cooperação são construídas em contextos de interação comunitária (Putnam et al., 1994).

A aprendizagem informal no Teatro de Revista Amador também se manifesta na aquisição de competências técnicas, como a interpretação de textos, direção de cena, elaboração de coreografias, criação de cenários e produção de figurinos. Além disso, os participantes desenvolvem competências sociais e pessoais, como autoconfiança, resiliência, empatia e capacidade de comunicação.

“Cada obstáculo que enfrentamos, seja na construção do cenário ou na organização do ensaio, é uma oportunidade de aprender e melhorar coletivamente”.

(Dirigente e Técnico de Som e Luzes, 51 anos)

Com isto é evidente de que a prática cultural amadora integra processos de resolução de problemas, tomada de decisão e colaboração, consolidando o teatro como espaço de aprendizagem holística, que articula dimensões pessoais, sociais e culturais.

Freire (1987 [1970]) argumenta que a aprendizagem participativa permite aos indivíduos construir conhecimento por meio da ação, reflexão e diálogo, princípio que se verifica claramente nas entrevistas realizadas. Certeau (1998), do seu ponto de vista, enfatiza que as práticas culturais quotidianas, como a participação em teatro comunitário, representam as “artes do fazer”, nas quais a criatividade individual transforma rotinas em experiências significativas. Estudos recentes sobre teatro comunitário corroboram estes resultados, destacando que tais práticas promovem inclusão, empoderamento, interação social e coesão (Delgado, 2022; Serafino, 2022).

Os indicadores observados nas entrevistas revelam o impacto da participação no teatro amador. O número de voluntários envolvidos em diversas tarefas, a frequência de ensaios e apresentações, e a diversidade de funções desempenhadas, refletem altos níveis de participação, transmissão intergeracional de saberes e aprendizagem contínua. A prática também contribui para o alcance do público, ao envolver espetadores de diferentes faixas etárias e contextos sociais, fortalecendo a dimensão educativa e social do Teatro de Revista, conforme os conceitos de Throsby (2000).

A literatura internacional reforça os efeitos da participação ativa. Glow, Kershaw e Reason (2021), destacam que a participação em artes amadoras promove inclusão, desenvolvimento de habilidades transferíveis e fortalecimento da coesão comunitária. Berjeaut (2005) e Bonet e Négrier (2018) salientam que práticas participativas em organizações culturais contribuem para a formação de competências interpessoais, desenvolvimento crítico e envolvimento cívico.

A integração de diferentes gerações nos elencos, cria um ambiente de aprendizagem intergeracional, no qual os saberes e memórias são transmitidos e reinterpretados de forma colaborativa. Desta forma, estas práticas permitem a continuidade cultural, a inovação pedagógica e a preservação de tradições, enquanto promovem cidadania ativa e responsabilidade coletiva.

Conclui-se, assim, que a participação no Teatro de Revista Amador da coletividade “Os Combatentes”, proporciona um espaço de aprendizagem informal robusto, desenvolvimento pessoal e social, fortalecimento de competências técnicas e interpessoais, cooperação intergeracional e experiências afetivas significativas. Através das entrevistas confirmamos que esta prática vai além do entretenimento, funcionando como mecanismo de empoderamento, desenvolvimento de habilidades e construção de relações sociais, evidenciando a dimensão educativa, social e emocional do teatro amador. Desta forma, a coletividade constitui um exemplo concreto de democracia cultural em ação, articulando participação, aprendizagem e desenvolvimento pessoal de forma integrada, estratégica e sustentável (UNESCO, 2002; Rego, 2023).

3.2. Tradição e Inovação

A análise das entrevistas realizadas com o Presidente da coletividade, o Encenador da companhia de teatro e os membros da coletividade e da companhia, mostra-nos que o Teatro de Revista Amador praticado na coletividade “Os Combatentes” constitui um espaço de preservação cultural, inovação artística e aprendizagem pedagógica.

O Presidente da coletividade sublinha que *“o teatro mantém viva a memória da nossa comunidade, trazendo à tona acontecimentos históricos e tradições que, de outra forma, poderiam ser esquecidos”*, evidenciando o papel da coletividade na preservação de identidade cultural, alinhando-se com a ideia de Bourdieu (1996), de que a participação ativa nas práticas culturais consolida o capital cultural e fortalece laços comunitários.

Uma dirigente e ex-assistente de camarim (58 anos) acrescenta que *“ao reencenar histórias antigas, conseguimos não apenas entreter, mas também ensinar os mais novos sobre os nossos antepassados”*, mostrando que a dimensão tradicional do Teatro de Revista não se limita à *performance*, mas envolve transmissão de conhecimento e valores. Este testemunho demonstra que a prática artística funciona como mediadora cultural, permitindo que as narrativas locais sejam reinterpretadas e transmitidas de forma viva, refletindo também a dimensão cultural de participação e apropriação ativa.

Salienta a dimensão inovadora das produções:

“Incorporamos novas músicas, peças e coreografias, sempre respeitando a originalidade que queremos dar”.

(Encenador, 33 anos)

Este comentário evidencia que a companhia consegue equilibrar tradição e inovação, de modo a manter a relevância cultural do Teatro de Revista Amador perante públicos contemporâneos, em consonância com Hesmondhalgh (2013), que defende que práticas culturais participativas precisam integrar inovação para manter a atenção de diferentes audiências. Um jovem participante reforça este ponto, afirmando que “trabalhar em peças com elementos originais permite experimentar novas ideias, enquanto aprendemos com os mais velhos e experientes sobre como estas tradições começaram” mostrando como a integração de inovação e tradição favorece a aprendizagem intergeracional e a apropriação ativa de conhecimentos culturais.

No que diz respeito à dimensão educativa, as entrevistas revelam que o teatro funciona como um espaço de aprendizagem informal e desenvolvimento de competências técnicas, sociais e pessoais. O Encenador explica que *“cada ensaio é um espaço onde se exploram diferentes funções: atuamos, dirigimos, construímos cenários, elaboramos figurinos e aprendemos a comunicar uns com os outros”*, enfatizando que o Teatro de Revista Amador oferece oportunidades de desenvolvimento enriquecedoras, que vão além da técnica artística. Esta pedagogia prática e coletiva, confirma o que Freire (1987 [1970]) defende em relação à aprendizagem como processo dialógico, em que os indivíduos constroem conhecimento a partir da ação, reflexão e interação social. É possível afirmar que Certeau (1998) complementa, argumentando que práticas culturais quotidianas, como o teatro comunitário, transformam ações aparentemente rotineiras em experiências significativas de aprendizagem e expressão cultural.

As entrevistas indicam ainda que a introdução de tecnologias digitais representa um importante eixo de inovação pedagógica e cultural. O Encenador comenta que *“digitalizar ensaios e materiais permite que o nosso trabalho alcance mais pessoas e seja preservado para futuras gerações”*, mostrando que o uso de ferramentas digitais não só amplia o alcance das produções, como também contribui para a aprendizagem de competências técnicas modernas, incluindo gravação de vídeo, edição e gestão de conteúdos digitais. Um ator (27 anos) acrescenta que *“aprendi a gravar cenas, fazer edição de som e imagem, e até a publicar conteúdos online, o que é algo que nunca tinha feito antes”*, evidenciando que a prática pedagógica do teatro amador se expande para competências digitais, além das competências artísticas e sociais.

A dimensão pedagógica do Teatro de Revista Amador manifesta-se ainda na construção de competências sociais e pessoais. Os ensaios e apresentações promovem a colaboração, a empatia, a comunicação eficaz, a liderança e a resolução de conflitos. Vários testemunhos destacam que os obstáculos enfrentados ao longo da produção da peça são encarados como oportunidades para aprender a cooperar e tomar decisões coletivas mostrando como o ambiente colaborativo do teatro contribui para a formação de cidadãos críticos e socialmente ativos, em consonância com Ngidi e Moyo

(2021), que enfatiza o papel das práticas culturais participativas na construção da cidadania e da coesão comunitária.

A literatura científica confirma estes resultados, indicando que o “teatro comunitário e participativo” atua como instrumento de empoderamento social, inclusão e coesão comunitária (Delgado, 2022; Serafino, 2022). Berjeaut (2005) ressalta que o Teatro de Revista português tem uma função pedagógica, permitindo que participantes aprendam através da prática e da interação com diferentes gerações. Glow, Kershaw e Reason (2021) destacam que a participação em artes amadoras promove competências interpessoais e capacidade de resolução de problemas, enquanto fortalece o tecido social das comunidades. Estudos sobre teatro participativo, como os realizados por Lopes e Dias (2014), mostram que a experiência prática no palco ou na organização de espetáculos possibilitam o desenvolvimento de habilidades técnicas e sociais, reforçando a ideia de que o teatro amador funciona como mediador cultural, pedagógico e social.

A dimensão tradicional do teatro, evidenciada pelas entrevistas, relaciona-se diretamente com a preservação da identidade cultural e das narrativas locais.

“Trabalhar com os mais velhos permite-nos conhecer histórias que não estão nos livros; reviver essas memórias no palco é ensinar e emocionar ao mesmo tempo”.

(Encenador, 33 anos)

Este testemunho ilustra como a prática cultural promove conhecimento histórico e consciência crítica. Uma dirigente e ex-atriz (41 anos) acrescenta: *“Interpretar momentos que marcaram a nossa juventude, permitiu-nos compreender melhor as nossas raízes e transmiti-las de forma viva e divertida”*, mostrando que a tradição se mantém através da prática ativa e da participação comunitária, sem perder relevância frente às novas gerações.

Simultaneamente, a inovação permite que a coletividade se adapte a mudanças culturais e sociais, garantindo que o Teatro de Revista Amador continue a atrair novos públicos e a envolver jovens participantes.

“Queremos que os jovens tragam ideias novas, mas sempre respeitando as nossas bases; assim mantemos o equilíbrio entre o passado, o presente e o futuro”.

(Presidente, 69 anos)

A integração de elementos contemporâneos, como música moderna, projeções audiovisuais e coreografias inovadoras, demonstra que o teatro amador é capaz de evoluir, preservando a memória cultural enquanto promove aprendizagem e desenvolvimento pedagógico. Esta adaptação reflete a

necessidade das práticas culturais participativas se ajustarem ao contexto contemporâneo, conforme sugerem Bonet e Négrier (2018).

Além disso, a pedagogia do teatro amador contribui para a democracia cultural, ao oferecer oportunidades de participação ativa a todos os membros, independentemente da idade ou experiência prévia. Uma sócia e ex-atriz (28 anos) afirma: *“No teatro todos temos voz e podemos contribuir, seja no palco, nos ensaios ou na construção de cenários”*, demonstrando como a prática promove inclusão e apropriação ativa da cultura, princípios centrais da democracia cultural defendidos por UNESCO (2002) e Bourdieu (1996). A participação democrática no processo de criação artística fortalece laços comunitários, promove colaboração intergeracional e incentiva o desenvolvimento de competências transferíveis, em conformidade com Putnam, Leonardi e Nonetti (1994).

A integração de tradição e inovação permite que os participantes compreendam e valorizem a sua história, enquanto exploram novas formas de expressão e se adaptam a contextos contemporâneos. A pedagogia do teatro amador fortalece a participação comunitária e a democracia cultural, garantindo que as gerações mais jovens aprendam com as gerações mais velhas, e vice-versa, enquanto contribuem com ideias inovadoras, consolidando a companhia e a coletividade como um espaço de aprendizagem, criação artística e cidadania ativa.

3.3. Sustentabilidade

A análise das entrevistas realizadas junto ao Presidente da coletividade, ao Encenador da companhia de teatro e aos membros da coletividade e da companhia, demonstra que a sustentabilidade das práticas do Teatro de Revista Amador na coletividade “Os Combatentes” depende fortemente de uma gestão participativa que envolve todos os membros na organização, produção e manutenção das atividades culturais. O Presidente sublinha que *“cada desafio, seja financeiro ou logístico, é enfrentado em conjunto; todos têm voz e responsabilidades”*, mostrando que a coletividade adota um modelo de gestão colaborativo, no qual a participação ativa da comunidade garante a continuidade do teatro amador. Este comentário reflete conceitos clássicos da sociologia organizacional, como os de Putnam, Leonardi e Nonetti (1994), que apontam que redes sociais fortes e participação comunitária são fundamentais para a sustentabilidade de instituições locais.

Os membros da coletividade reforçam este ponto, destacando que a colaboração entre diferentes gerações permite a transmissão de práticas e estratégicas.

“Mesmo sem grandes recursos, conseguimos manter a qualidade das produções porque todos contribuem com tempo, ideias e habilidades; é um esforço coletivo que garante a continuidade da tradição”.

(Dirigente, 36 anos)

Estes testemunhos demonstram que a sustentabilidade não depende apenas de financiamento ou materiais, mas da participação ativa de todos os membros, refletindo a dimensão social e comunitária da prática cultural.

A gestão participativa também se manifesta na forma como a coletividade aborda os recursos financeiros e logísticos. As entrevistas indicam que a coletividade recorre a múltiplas fontes de financiamento, incluindo apoios públicos, por parte da Junta de Freguesia da Estrela e da Câmara de Lisboa, mais direcionados para o departamento desportivo, campanhas locais e parcerias com escolas ou empresas. O Presidente afirma que *“não podemos depender de um único tipo de financiamento; é a diversidade de apoios que nos permite manter a programação e continuar a envolver a comunidade”*, consistente com Throsby (2000), que enfatiza a relação entre economia e cultura, defendendo que a sustentabilidade cultural depende tanto de recursos financeiros quanto do desenvolvimento comunitário. Uma sócia entrevistada (28 anos) complementa que *“a reutilização de materiais, a criatividade e o espírito de equipa permite superar desafios financeiros, garantindo que todos possam participar e aprender”*, destacando a capacidade da coletividade de gerir recursos de forma eficiente, promovendo acessibilidade e inclusão.

Outro ponto central identificado nas entrevistas, é a participação comunitária como fator de sustentabilidade.

“Sem a participação ativa da comunidade, não haveria teatro; cada ensaio, cada apresentação, depende do compromisso e entusiasmo de todos os envolvidos”.

(Encenador, 33 anos)

Uma jovem ex- atriz participante (29 anos) reforça: *“Participar significa mais do que atuar; envolve preparar cenários, ensaiar músicas, organizar figurinos e comunicar com o público. Sentimos que somos responsáveis pelo sucesso do espetáculo”*, mostrando que a gestão participativa permite assim, que a coletividade funcione como um verdadeiro espaço de democracia cultural, no qual todos têm oportunidades de contribuir, desenvolver competências e sentir que fazem parte de um projeto coletivo (Rego, 2023; Bonet & Négrier, 2018).

A análise mostra também que a sustentabilidade cultural está ligada à inovação e adaptação às condições contemporâneas.

“(…) tivemos de incorporar novas tecnologias, redes sociais e métodos de divulgação para manter a relevância junto de diversos públicos, sem perder a essência do Teatro de Revista”.

(Presidente, 69 anos)

Um jovem dirigente e ex-ator (30 anos) acrescenta: *“Aprender a usar tecnologia e divulgar, nas redes, os eventos permite que mais pessoas conheçam o nosso trabalho e participem nas nossas atividades”* demonstrando que a integração de inovação tecnológica contribui para a sustentabilidade, ao expandir o alcance das produções e facilitar a participação de diferentes públicos, garantindo que o teatro amador permaneça vivo e relevante. Este ponto está em consonância com Glow, Kershaw e Reason (2021), que destacam que a inovação e a adaptação são essenciais para a sobrevivência e crescimento de organizações culturais.

As entrevistas também destacam que a coletividade enfrenta desafios relacionados à gestão do espaço físico e materiais, mas que estes são superados por meio de colaboração e planejamento coletivo.

“(...) cada espaço é aproveitado ao máximo; armazenamos recursos de forma organizada e todos ajudam a manter o local funcional”.

(Dirigente, 52 anos)

“O desafio de espaço obriga-nos a ser criativos; reutilizamos cenários antigos, adaptamos figurinos e encontramos soluções inovadoras em conjunto”.

(Encenador, 33 anos)

Estas práticas demonstram que a gestão participativa não se limita à distribuição de tarefas, mas envolve também a tomada de decisões estratégicas sobre recursos e logística, reforçando a sustentabilidade das atividades culturais.

Outro elemento essencial, para a sustentabilidade do teatro amador na coletividade “Os Combatentes”, é a frequência e qualidade das apresentações, que mantém o interesse do público e garante a continuidade do projeto.

“Ao realizar apresentações regulares, conseguimos envolver o público, criar tradição e consolidar a identidade da coletividade”.

(Presidente, 69 anos)

Um dirigente e técnico de som e luzes (51 anos) acrescenta que *“cada espetáculo é também uma oportunidade de mostrar que, apesar das dificuldades, a nossa comunidade consegue produzir cultura de qualidade, reforçando o orgulho local e a motivação dos participantes.”* Estes testemunhos indicam

que a sustentabilidade depende não apenas de recursos materiais e gestão, mas do envolvimento constante da comunidade e da criação de experiências significativas para participantes e público.

A análise revela ainda que a diversidade de funções desempenhadas pelos participantes é um indicador de sustentabilidade e gestão participativa. Os membros não se limitam ao palco; contribuem na cenografia, figurinos, direção técnica, divulgação e organização de eventos.

“(...) trabalhar em diferentes funções ensina-nos a compreender a complexidade de produzir teatro e fortalece a nossa ligação à coletividade”.

(Voluntária e ex-atriz, 29 anos)

“A aprendizagem de várias funções permite-nos apoiar uns aos outros e garante que a produção continue mesmo com limitações de recursos.”

(Dirigente e Técnico de Som e Luzes, 51 anos)

Esta rotatividade de tarefas promove competências transferíveis, aumenta o capital social da coletividade e fortalece a resiliência organizacional, conceitos apoiados por Putnam, Leonardi e Nonetti (1994) e Berjeaut (2005).

As entrevistas mostram que a gestão participativa promove inovação social, ao estimular criatividade e colaboração entre membros de diferentes idades e experiências.

“(...) os desafios financeiros e logísticos são oportunidades de inovar; todos sugerem ideias e experimentam soluções.”

(Encenador, 33 anos)

“A criatividade surge da necessidade; aprendemos a usar materiais de forma inovadora, envolvendo todos no processo”.

(Dirigente e ex-atriz, 41 anos)

Esta prática evidencia que a sustentabilidade não é apenas material, mas também relacional e social, baseada na participação ativa, solidariedade e coesão da comunidade, reforçando os conceitos de democracia cultural (UNESCO, 2002) e de “gestão comunitária participativa” (Rego & Borges, 2021).

A dimensão pedagógica do modelo de gestão é relevante. Os participantes aprendem a gerir projetos, a tomar decisões coletivas e a organizar atividades culturais, desenvolvendo competências de liderança, comunicação, resolução de problemas e planeamento estratégico.

“(...) participar na gestão do teatro é um treino para a vida; aprendemos a planear, organizar e trabalhar em equipa”.

(Ator, 27 anos)

O Presidente da coletividade acrescenta: *“Incentivamos todos a assumir responsabilidades; é assim que construímos capacidades e garantimos que a coletividade se mantém viva e funcional”* demonstrado que a sustentabilidade não depende apenas de recursos financeiros, mas também do fortalecimento do capital humano e social da comunidade, em consonância com a literatura de Glow, Kershaw e Reason (2021) e de Bonet e Négrier (2018).

Finalmente, a análise das entrevistas evidencia que a participação comunitária é central para garantir a continuidade do Teatro de Revista Amador.

“A coletividade só existe porque todos participam; cada contribuição, por menor que seja, é essencial para manter viva a tradição e criar novas oportunidades de aprendizagem.”

(Dirigente e ex-assistente de camarim, 58 anos)

“Quando sentimos que fazemos parte de algo maior, temos mais motivação para nos envolver e aprender; isso mantém a comunidade ativa e garante a sobrevivência do teatro.”

(Sócia e ex-atriz, 28 anos)

Este compromisso coletivo e democrático transforma a coletividade num espaço de cidadania cultural, integração intergeracional e sustentabilidade social, cultural e pedagógica, reafirmando que a participação ativa tanto é um valor quanto uma prática estratégica (Putnam et al., 1994; Bonet & Négrier, 2018; Rego, 2023).

A sustentabilidade do Teatro de Revista Amador, n’*“Os Combatentes”*, depende de uma gestão participativa e colaborativa, da diversidade de funções desempenhadas pelos membros, da inovação nos processos e na utilização de recursos, e da participação ativa da comunidade. A combinação de tradição, inovação, participação e pedagogia fortalece não apenas a continuidade das práticas culturais, mas também a coesão social, a aprendizagem intergeracional e a construção de cidadania cultural, consolidando a coletividade como espaço de produção, gestão e transmissão cultural estratégica.

3.4. Impacto Social

A análise das entrevistas realizadas ao Presidente da coletividade, ao Encenador da companhia de teatro e aos membros da coletividade e da companhia, permite entender o impacto social e comunitários da associação. Os dados colocam em evidência que o Teatro de Revista Amador nos “Os Combatentes”, exerce um impacto social profundo, funcionando como um espaço de integração, coesão e transformação comunitária. O Presidente observa que *“quando realizamos um espetáculo, percebemos que não é apenas sobre teatro; é sobre a comunidade, sobre unir pessoas de diferentes idades e origens para partilhar algo significativo”*, reforçando a ideia de que a prática cultural transcende a dimensão artística, promovendo interação social, solidariedade e senso de pertença (Putnam, 2000; Rego & Borges, 2021).

“Cada ensaio e cada apresentação cria oportunidades de diálogo, colaboração e aprendizagem coletiva; é um pequeno espaço da sociedade, onde valores de respeito, paciência e responsabilidade se tornam tangíveis”.

(Encenador, 33 anos)

A geração mais velha enfatiza que o teatro amador permite preservar e transmitir valores culturais e sociais essenciais.

“Quando subimos ao palco, não representamos apenas uma peça; representamos histórias da nossa comunidade, experiências de vida e tradições que nos definem”.

(Dirigente e ex-assistente de camarim, 58 anos)

Por outro lado, os jovens participantes destacam o impacto desta experiência na sua socialização e na construção de laços comunitários:

“O teatro ajuda-nos a conhecer melhor as pessoas, a trabalhar em equipa e a sentir que pertencemos a algo maior do que nós mesmos”.

(Sócia e ex-atriz, 28 anos)

Estes testemunhos, indicam que o Teatro de Revista funciona como um instrumento de integração social, promovendo tanto a coesão entre diferentes gerações quanto o fortalecimento de redes sociais locais (Glow et al., 2021).

A dimensão social do teatro amador manifesta-se também na capacidade de mobilizar a comunidade em torno de objetivos culturais compartilhados.

“(…) os diversos eventos, incluindo as sessões teatrais, envolvem famílias inteiras, amigos e vizinhos; é um momento em que todos se sentem parte da mesma história”.

(Presidente, 69 anos)

“Ao envolver diferentes pessoas da comunidade, criamos pontes entre gerações, promovemos a inclusão e fortalecemos laços que vão além do teatro”.

(Dirigente, 52 anos)

Este tipo de integração social é consistente com os princípios de democracia cultural, que defendem o acesso equitativo às atividades culturais e a valorização da participação ativa de todos os cidadãos, independentemente da idade, origem ou condição social (UNESCO, 2002; Bourdieu, 1996; Rego, 2023).

As entrevistas destacam ainda o papel do Teatro de Revista no fortalecimento da identidade comunitária.

“Cada espetáculo é uma oportunidade de mostrar o que a nossa comunidade é capaz de criar; isso reforça o orgulho local”.

(Dirigente e Técnico de Som e Luzes, 51 anos)

“(…) a prática teatral permite às pessoas verem-se refletidas no palco, compreenderem a sua história e as suas tradições, e sentirem-se parte de uma narrativa maior”.

(Encenador, 33 anos)

Esta dimensão é apoiada por Costa (2008), que sugere que atividades culturais em bairros e coletividades contribuem significativamente para a construção da identidade cultural e o reconhecimento social dos grupos locais. Além disso, a participação em projetos de teatro amador promove a circulação de saberes, histórias e valores, garantindo que a memória cultural seja preservada e transmitida às novas gerações (Lopes & Dias, 2014).

Outro ponto destacado nas entrevistas, é o impacto do Teatro de Revista na inclusão social.

“(…) recebemos pessoas de diferentes idades, nacionalidades, profissões e contextos sociais; todos são bem-vindos e têm oportunidade de contribuir, o que promove igualdade e integração”.

(Presidente, 69 anos)

“Saber que podemos participar independentemente da nossa experiência ou idade faz-nos sentir valorizados e motivados a contribuir”.

(Dirigente e ex-ator, 30 anos)

Este processo, de inclusão, não apenas fortalece a comunidade local mas também cria oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento pessoal, ampliando o capital social e promovendo cidadania ativa (Putnam et al., 1994; Rego, 2023).

As entrevistas indicam ainda que o Teatro de Revista funciona como instrumento de reflexão e crítica social.

“As peças muitas vezes abordam temas da nossa sociedade, desde problemas locais até questões nacionais; é uma forma de discutir, refletir e, por vezes, provocar mudanças na comunidade”.

(Dirigente e ex-atriz, 41 anos)

“O público reage, comenta e debate; percebemos que o teatro tem um efeito transformador, capaz de gerar diálogo”.

(Encenador, 33 anos)

Este ponto conecta-se com teorias de Delgado (2022) e Serafino (2022), que destacam o papel do teatro comunitário como ferramenta de participação cívica e debate social, promovendo inclusão e transformação.

Outro aspeto relevante é a interação com o público. As entrevistas mostram que o impacto social não se limita aos participantes diretos, mas estende-se à comunidade que assiste às apresentações.

“Quando vemos o público a rir, a emocionar-se ou a refletir sobre a nossa performance, percebemos que estamos a criar experiências que tocam vidas e fortalecem a ligação entre o nosso espaço e o povo”.

(Voluntária e ex-atriz, 29 anos)

“O público também aprende, participa e sente-se parte do processo; isso reforça o sentimento de pertença”.

(Presidente, 69 anos)

Este envolvimento ativo do público, reforça a dimensão comunitária do teatro amador, promovendo coesão social, intercâmbio cultural e participação cidadã (Berjeaut, 2005; Bonet & Négrier, 2018).

A análise mostra que a prática do teatro amador também contribui para a formação de competências sociais e emocionais nos participantes.

“Aprendi a comunicar melhor, a lidar com frustrações, a ouvir os outros e a colaborar para alcançar um objetivo comum”.

(Dirigente e ex-ator, 30 anos)

“Trabalhar lado a lado com jovens permite-nos transmitir experiência e paciência, enquanto aprendemos a adaptar-nos e a respeitar diferentes perspectivas”.

(Dirigente e ex-assistente de camarim, 58 anos)

Este desenvolvimento de competências interpessoais, contribui diretamente para a construção de uma comunidade mais coesa e resiliente, alinhando-se com conceitos de Freire (1987 [1970]) e Certeau (1998), sobre aprendizagem participativa e práticas culturais como espaço de formação social.

As entrevistas também destacam que a prática do Teatro de Revista estimula o capital social, ao fortalecer redes de confiança, reciprocidade e cooperação.

“Cada ensaio é uma oportunidade de reforçar laços; quando todos ajudam, aprendem a confiar e a depender uns dos outros.”

(Presidente, 69 anos)

“O trabalho colaborativo faz com que a comunidade se sinta mais unida, e os laços criados perduram para além do teatro”.

(Dirigente, 52 anos)

Este fortalecimento de redes sociais é um indicador crucial do impacto comunitário, refletindo o valor do teatro amador como ferramenta de integração e coesão (Putnam et al., 1994; Glow et al., 2021).

As entrevistas indicam ainda que o teatro amador promove visibilidade e valorização cultural da comunidade.

“Ao apresentarmos peças que refletem a nossa realidade, mostramos quem somos e valorizamos o que fazemos; isso reforça a autoestima e orgulho da comunidade”.

(Dirigente e ex-atriz, 41 anos)

“O teatro coloca a coletividade no mapa cultural local, cria oportunidades de reconhecimento e reforça a importância da participação ativa em cultura”.

(Encenador, 69 anos)

Este impacto positivo sobre a identidade e reconhecimento social está alinhado com a literatura sobre organizações culturais e democratização cultural (Rego, 2023; Berjeaut, 2005).

Por fim, a análise das entrevistas revela que o Teatro de Revista Amador nos “Os Combatentes”, atua como plataforma de transformação social, capaz de gerar mudança nas atitudes, fortalecer redes comunitárias e promover participação cidadã.

“O teatro faz-nos refletir sobre nós próprios, sobre a comunidade e sobre o mundo à nossa volta”.

(Dirigente e Técnico de Som e Luzes, 51 anos)

“Quando percebemos que o público e os participantes internalizam valores de colaboração, respeito e criatividade, entendemos que estamos a transformar a comunidade de forma positiva”.

(Encenador, 33 anos)

Estes testemunhos mostram que o teatro amador vai além da arte performativa, funcionando como instrumento de transformação social, educação comunitária e promoção de cidadania cultural ativa, em linha com conceitos de democracia cultural defendidos pela UNESCO (2002) e estudos sobre participação cultural e impacto social (Glow et al., 2021).

A prática não fortalece apenas a identidade e orgulho comunitário, mas também contribui para o desenvolvimento de competências sociais, emocionais e cívicas nos participantes, consolidando a coletividade como espaço de produção cultural estratégica e instrumento de democracia cultural.

3.5. Integração Cultural

Com a análise das entrevistas percebe-se que o Teatro de Revista Amador constitui um espaço privilegiado para a integração cultural e a transformação social, funcionando como um catalisador de práticas culturais coletivas e de inovação dentro da tradição.

“(...) a nossa missão não é apenas apresentar um espetáculo; é criar um espaço onde todos se sintam parte da cultura, onde tradições e novas ideias se encontram e se reinventam”.

(Presidente, 69 anos)

Esta perspectiva demonstra que o teatro amador promove a integração de diferentes gerações, experiências e saberes, consolidando a coletividade como um espaço de mediação cultural capaz de articular continuidade histórica com inovação criativa (Rego, 2023; Hesmondhalgh, 2013).

O Encenador reforça esta visão, sublinhando que cada ensaio e cada apresentação funciona como um espaço de desenvolvimento cultural. Esta abordagem mostra a capacidade que o Teatro de Revista Amador tem de unir tradição e contemporaneidade, criando uma experiência cultural que é simultaneamente educativa, lúdica e transformadora.

“Aprender a usar projeções digitais ou explorar novos ritmos musicais enquanto incorporamos histórias antigas faz-nos sentir que estamos a contribuir para algo que respeita o passado e olha para o futuro”.

(Sócia e ex-atriz, 28 anos)

Estes testemunhos alinham-se com as ideias de Hesmondhalgh (2013) e Berjeaut (2005), que destacam a importância de práticas culturais que preservam a memória histórica, enquanto incorporam inovação, garantindo relevância cultural contínua.

As entrevistas destacam ainda o papel transformador do Teatro de Revista nos públicos.

“Quando apresentamos as nossas peças, percebemos que estamos a provocar reflexão, a questionar ideias e a criar experiências que vão além do entretenimento”.

(Voluntária e ex-atriz, 29 anos)

“O teatro permite-nos abordar temas sociais e políticos de forma crítica e criativa, promovendo mudança, não apenas para os participantes, mas também para o público”.

(Encenador, 33 anos)

Esta capacidade transformadora é apoiada por estudos sobre teatro comunitário, que demonstram como “práticas culturais participativas” funcionam como instrumentos de empoderamento, inclusão e mudança social (Delgado, 2022; Serafino, 2022).

As entrevistas também destacam a importância do reconhecimento cultural e social proporcionado pelo teatro amador.

“Ser reconhecido pelo trabalho que fazemos na comunidade dá-nos orgulho e reforça a vontade de continuar”.

(Dirigente e ex-atriz, 41 anos)

“A valorização pública e o envolvimento da comunidade confirmam que a cultura amadora tem poder transformador e merece ser apoiada e preservada”.

(Presidente, 69 anos)

Este reconhecimento contribui para a autoestima coletiva e fortalece a identidade cultural da comunidade, garantindo que práticas tradicionais permaneçam relevantes no contexto contemporâneo (Williams, 1983 [1976]; Costa, 2008).

Por fim, a análise das entrevistas revela que o Teatro de Revista Amador nos “Os Combatentes” funciona como instrumento de integração e transformação cultural, capaz de unir tradições e inovação, consolidar a identidade comunitária, promover aprendizagem intergeracional e fomentar participação e cidadania ativa.

Este testemunho é claro na afirmação de que o teatro amador transcende a performance artística, atuando como prática cultural estratégica, promotora de integração, inovação e transformação comunitária, em consonância com os princípios de democracia cultural defendidos pela UNESCO (2002), e estudos sobre participação cultural e impacto social (Glow et al., 2021). O ponto conclusivo final é que o teatro amador atua como prática cultural integrada, fortalecendo a comunidade, a aprendizagem e a participação cívica.

Conclusões

O presente estudo analisou em profundidade o papel de um grupo de teatro amador nas associações culturais locais, com particular evidência na coletividade “Os Combatentes”, na criação e manutenção do Teatro de Revista Amador em Lisboa. De uma forma geral, análise desta coletividade revela que a mesma funciona como um espaço de participação voluntária, onde pessoas de diferentes idades, experiências sociais e trajetórias culturais se unem pelo interesse comum da prática do teatro. Essa diversidade e cooperação refletem-se no próprio modelo organizacional, que evidencia a relevância do associativismo local, para a preservação e continuidade de práticas culturais tradicionais, como o Teatro de Revista, destacando o seu carácter comunitário, educativo e socialmente inclusivo (Rego, 2023; Rego & Borges, 2021; Bonet & Négrier, 2018).

Outro aspeto central identificado através da voz dos participantes, é a capacidade que o teatro amador tem de articular tradição e inovação, mantendo a relevância cultural, sem perder a ligação às raízes históricas. A companhia equilibra elementos clássicos do Teatro de Revista com inovações contemporâneas, incluindo música e coreografias atualizadas e integração de tecnologias digitais, como as redes sociais, que ampliam o alcance das apresentações e permitem a preservação da memória cultural. Este modelo demonstra que a tradição cultural pode ser dinâmica, adaptando-se a novos contextos sociais e às exigências de públicos contemporâneos, como sublinha Certeau (1998), ao discutir a criatividade nas práticas participativas quotidianas.

A investigação permite ainda situar a coletividade no âmbito dos ideais-tipo propostos para a relação entre associações culturais e democracia cultural, nomeadamente a “missão cultural-entretenimento”. Conforme definido por Rego (2023) e Rego & Borges (2021), este ideal-tipo emerge do tecido organizacional das associações e apresenta-se como uma estratégia eficaz para promover a democracia cultural em bairros multiculturais. Estas organizações respondem às limitações impostas pela crise financeira que afetou o país e, apesar de fenómenos como a gentrificação e a especulação imobiliária, funcionam como pilares essenciais, desempenhando um papel mediador e de ligação na promoção da capacidade cultural e na sustentabilidade social (Rego, 2023, p.205). Assim, o grupo “Os Combatentes” exemplifica este ideal-tipo, ao combinar produção artística com mediação cultural, participação comunitária e integração social.

Através da análise detalhada das entrevistas realizadas, foi possível concluir que as perceções dos participantes da coletividade “Os Combatentes” não se limita à produção artística, mas atua também

como mediadora cultural, ao criar espaços que promovem a participação ativa, a aprendizagem informal e a integração intergeracional.

Na entrevista ao Encenador, este salientou que *“cada ensaio é uma oportunidade para os participantes experimentarem diferentes papéis, aprenderem novas competências e expressarem a sua criatividade, dentro de limites que respeitam a tradição”*, evidenciando que a prática teatral se configura como local de formação artística e social (Freire, 1987 [1970]). Os participantes mais jovens reforçam esta perspectiva, destacando a contribuição que o teatro tem para a confiança, trabalho em equipa e expressão criativa, enquanto as gerações mais velhas sublinham a importância da transmissão de memórias e de conhecimentos históricos.

O estudo revela ainda a importância da sustentabilidade e da gestão participativa nas associações culturais locais. Apesar das limitações de espaço, materiais e financiamento, a coletividade demonstra capacidade de adaptação e resiliência, utilizando estratégias colaborativas e inovadoras para assegurar a continuidade da prática. Um exemplo de estratégias pensadas para atrair novos públicos é o Arraial feito no mês de junho, onde se juntam todos os voluntários da coletividade para proporcionar um mês de festa, coincidente com os Santos Populares, onde para além de se arrecadar verbas para subsistir durante o ano, há a possibilidade de suscitar o interesse de visitantes para uma possível visita e integração futura na companhia de teatro.

Relativamente aos membros integrantes da companhia de teatro, estes contribuem voluntariamente em todas as etapas da construção do espetáculo— desde a criação do guião, organização de ensaios e cenários, até à produção de figurinos e divulgação das apresentações — mostrando que a sustentabilidade das práticas culturais de índole amadora depende mais do compromisso coletivo e da paixão dos participantes, do que dos recursos financeiros (Throsby, 2000; Bonet & Négrier, 2018).

A dimensão social do Teatro de Revista Amador na coletividade “Os Combatentes” revela-se determinante. Segundo os participantes, a prática de teatro amador, neste tipo de coletividades, promove coesão, solidariedade e integração entre diferentes gerações, fortalecendo redes sociais locais e contribuindo para a criação de capital social. Esta interação intergeracional e colaborativa, permite que os conhecimentos tradicionais sejam transmitidos e reinterpretados, podendo promover-se uma cidadania ativa e consciência cultural, conforme apontam Putnam, Leonardi e Nonetti (1994).

A relação entre o Teatro de Revista Amador e a democracia cultural constitui um elemento-chave do estudo. As práticas do Teatro de Revista Amador, permitem que diferentes perfis sociais tenham acesso à criação artística, participação efetiva nas decisões e visibilidade das suas narrativas. Isto reforça o entendimento de Bourdieu (1996), da UNESCO (2002), de que a cultura deve ser acessível a todos e que a “participação ativa” contribui para a formação de cidadãos críticos e socialmente responsáveis.

Uma jovem atriz comentou: *“Participar no teatro dá-nos a sensação de que podemos contribuir de forma significativa para a nossa comunidade, mesmo sendo amadores.”*

Esta perspectiva evidencia como o teatro amador não preserva apenas tradições, mas também promove a inclusão, diversidade e empoderamento social.

O Teatro de Revista Amador, mediado por associações como “Os Combatentes”, cumpre uma função estratégica de transformação cultural e social. A prática fortalece a identidade local, valoriza patrimónios imateriais e oferece oportunidades de aprendizagem informal, que se estendem para além do contexto artístico. Ao permitir a participação de múltiplos públicos e a circulação de apresentações por diferentes espaços urbanos e regionais – em particular as coletividades locais -, o teatro contribui para o reconhecimento e valorização da cultura popular, reforçando os laços comunitários e a coesão social, e consolidando-se como instrumento de democratização cultural (Rego & Borges, 2021).

Os resultados corroboram a ideia, por muitos discutida, de que a sobrevivência e relevância do Teatro de Revista Amador em Lisboa dependem, em grande medida, da existência de associações culturais locais organizadas, voluntárias e comprometidas. Estas organizações não sustentam apenas a produção artística, mas também promovem a aprendizagem, integração intergeracional, preservação cultural e cidadania ativa, constituindo-se como espaços centrais de resistência cultural e democratização da vida artística urbana.

A reflexão final sobre este estudo permite perceber que o Teatro de Revista Amador, embora centrado na prática artística, configura-se também como um instrumento de transformação social, educativa e cultural dentro das comunidades lisboetas. Ao longo da investigação, tornou-se evidente que a coletividade “Os Combatentes” funciona como um espaço de experiências culturais, onde a criatividade, a colaboração e a participação coletiva são essenciais para a sobrevivência da tradição do Teatro de Revista naquela comunidade. Cada ensaio, cada montagem e cada apresentação, não constituem apenas exercícios de expressão artística, mas também práticas sociais carregadas de significado, que promovem a coesão, a aprendizagem e a inclusão.

Estas associações culturais contribuem para a construção de uma identidade coletiva robusta, por permitirem que diferentes gerações compartilhem conhecimentos, histórias e experiências. A transmissão intergeracional observada nas apresentações teatrais e nos eventos, promovidos pela coletividade, não preserva apenas a memória histórica da comunidade, mas também facilita a reinterpretação criativa de tradições, garantindo que estas permanecem vivas e relevantes. A coletividade funciona, portanto, como mediadora entre o passado e o presente, permitindo que o Teatro de Revista continue a ser uma forma de expressão cultural contemporânea, mantendo a essência do género, ao mesmo tempo que promove a “participação cultural ativa”.

Outro ponto importante que emerge da reflexão, é a dinâmica de inclusão e diversidade promovida pelo associativismo local. Apesar das limitações materiais ou financeiras, os voluntários — de diferentes idades, formações e origens — contribuem para a construção coletiva das produções. Esta prática realça que a sustentabilidade cultural destas associações não depende apenas de financiamento, mas sobretudo do capital humano, social e cultural mobilizado por estas organizações. A participação ativa, a colaboração e o compromisso voluntário, tornam possível que o Teatro de Revista sobreviva e se adapte a novas demandas sociais, demonstrando resiliência e relevância cultural.

Por último, considerar o impacto das práticas participativas de índole amadora no desenvolvimento de competências individuais e coletivas. Os participantes não adquirem apenas habilidades técnicas de interpretação, direção e cenografia, mas, também competências sociais e pessoais, como liderança, comunicação, empatia e autoconfiança. Estas aprendizagens informais, reforçam a ideia de que o Teatro de Revista Amador funciona como um espaço educativo e socialmente significativo, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, conscientes e culturalmente ativos, em linha com os princípios da democracia cultural defendidos pela UNESCO (2002) e por estudiosos como Ngidi e Moyo (2021).

Por fim, o estudo convida a refletir sobre o papel transformador das associações culturais locais, como a coletividade “Os Combatentes”, no espaço urbano. Ao criar oportunidades de expressão artística, preservação cultural e participação comunitária, estas organizações fortalecem vínculos sociais, promovem a diversidade cultural e consolidam a relevância do Teatro de Revista Amador na vida cultural de Lisboa.

O Teatro de Revista Amador vai muito além do entretenimento: constitui-se como instrumento estratégico de preservação, inovação e democratização cultural, promovendo participação ativa, integração intergeracional e desenvolvimento de competências individuais e coletivas. Observa-se que cada ensaio e apresentação não se limita à fruição estética, mas funciona como espaço de aprendizagem, colaboração e construção de identidade comunitária. Esta dimensão social e educativa explica o impacto duradouro do teatro amador, evidenciando que a prática cultural pode simultaneamente preservar tradições e fomentar inclusão e cidadania ativa.

A análise revelou ainda alguns desafios e tensões: a sustentabilidade das associações depende fortemente do compromisso voluntário e do capital social mobilizado pelos participantes, tornando-as vulneráveis a mudanças sociais, financeiras ou demográficas. Apesar disso, a coletividade “Os Combatentes” demonstra resiliência, adaptando-se através de estratégias inovadoras, como eventos comunitários e a utilização de tecnologias digitais, para atrair novos públicos e manter a relevância do Teatro de Revista.

Este estudo evidencia que o teatro comunitário funciona como instrumento de coesão social e transformação cultural, promovendo identidade local, memória coletiva e competências pessoais e sociais. Ao mesmo tempo, sublinha a necessidade de reflexão crítica sobre os limites e fragilidades das associações culturais amadoras, particularmente face a recursos escassos, pressões urbanísticas e mudanças no envolvimento voluntário.

Conclui-se, assim, que o Teatro de Revista Amador, mediado por associações como “Os Combatentes”, representa um modelo cultural resiliente e transformador: preserva tradições, estimula inovação, promove participação e fortalece comunidades. A reflexão final aponta para a importância de valorizar, apoiar e reconhecer estas práticas, não apenas pelo seu valor artístico, mas pelo efeito profundo sobre indivíduos, grupos e a vida cultural urbana.

Referências Bibliográficas

- Alexander, J. C. (2011). *Performance and Power*. Polity Press.
- Arte351. (2025, fevereiro). *Galeria de Arte “Os Combatentes” inaugura com exposições regulares e temporárias*.
<https://arte351.pt/art/2025/02/26/galeria-de-arte-os-combatentes-inaugura-com-exposicoes-regulares-e-temporarias/>
- Berjeaut, S. (2005). *Le théâtre de revista: Un phénomène culturel portugais*. Editions L’Harmattan.
- Boal, A. (1991). *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas* (6ª Edição). Editora Civilização Brasileira.
- Bonet, L., & Négrier, E. (2018). The participative turn in cultural policy: Paradigms, models, contexts. *Poetics*, 66, 64–73. <https://doi.org/10.1016/j.poetic.2018.02.006>
- Bourdieu, P. (1996). *As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário*. Companhia das Letras.
- Braun, V., & Clarke, V. (2021 [2006]). *Thematic analysis: A practical guide*. Sage.
- Canclini, N. G. (1995). *Hybrid Cultures: Strategies for Entering and Leaving Modernity*. University of Minnesota Press.
- Certeau, M. (1998). *A invenção do quotidiano: Artes do fazer* (3ª Edição). Editora Vozes.
- Costa, A. F. (2008). *Sociedade de bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural* (2ª Edição.). Celta Editora.
- Costa, I. (2013). *O Teatro de Revista no Estado Novo: A década de 30 do século XX* [Dissertação de mestrado]. Instituto Politécnico de Lisboa – Escola Superior de Teatro e Cinema.
- Cultura Portugal. (2021, agosto). *Apoio a associações culturais não profissionais da LVT*.
<https://www.culturaportugal.gov.pt/pt/saber/2021/08/apoio-a-associacoes-culturais-nao-profissionais-da-lvt/>
- Delgado, N. (2022). *Teatro comunitário: Ensino de teatro e cidadania* [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Évora.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2018). *The Sage handbook of qualitative research* (5ª Edição). Sage.
- DGArtes. (2021). *Linha de financiamento às entidades culturais não profissionais da Região de Lisboa e Vale do Tejo*. <https://www.dgartes.gov.pt/pt/hist-apoio/4175>
- Dossonhos, O. (2006, fevereiro 22). Grupo Dramático e Escolar Os Combatentes. *Águas do Sul*.
<http://aguasdosul.blogspot.com/2006/02/grupo-dramtico-e-escolar-os.html>
- Dubois, V., & Méon J. M. (2013). The social conditions of cultural domination. Field, subfield and local spaces of wind music in France. *HAL – open science*, 7(2), 127-144. <https://hal.science/hal-01361724v1/document>
- Durkheim, É. (2023 [1912]). *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Editora da Universidade de São Paulo.
- Emerson, R. M., Fretz, R. I., & Shaw, L. L. (2011). *Writing ethnographic fieldnotes* (2ª Edição). University of Chicago Press.
- Freire, P. (1987 [1970]). *Pedagogia do oprimido* (17ª Edição). Paz e Terra.

- Giddens, A. (1984). *The Constitution of Society*. University of California Press
- Giroux, H. A. (1988). *Teachers as intellectuals: Toward a critical pedagogy of learning*. Bloomsbury Academic.
- Glow, H., Kershaw, A., & Reason, M. (2021). Leading or avoiding change: The problem of audience diversification for arts organisations. *International Journal of Cultural Policy*, 27(1) 130–148. <https://doi.org/10.1080/10286632.2019.1709060>
- Goffman, E. (2002 [1959]). *A representação do eu na vida cotidiana* (10ª Edição). Editora Vozes.
- Gramsci, A. (1999). *Cadernos do Cárcere* (Vol.1). Civilização Brasileira.
- Grupo Dramático e Escolar Os Combatentes. (n.d.). *Quem somos*. <https://gdecombatentes.pt/quem-somos/>
- Grupo Dramático e Escolar Os Combatentes. (n.d.). *Atividades*. <https://gdecombatentes.pt/atividades/>
- Henriques, R. (n.d.). *Objetos, espaços e narrativas: O caso dos Combatentes*. [https://run.unl.pt/bitstream/10362/37127/1/Artigo Objetos Espacos Narrativas Raquel P Henriques.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/37127/1/Artigo%20Objetos%20Espacos%20Narrativas%20Raquel%20P%20Henriques.pdf)
- Hesmondhalgh, D. (2013). *The Cultural Industries* (3ª Edição). Sage.
- Holden, J. (2004). *Capturing cultural value: How culture has become a tool of government policy*. Demos.
- Holden, J. (2015 [2004]). *The ecology of culture*. Arts & Humanities -Research Council.
- Kvale, S., & Brinkmann, S. (2015). *InterViews: Learning the craft of qualitative research interviewing* (3ª Edição). Sage.
- Lincoln, Y. S., & Guba, E. G. (1985). *Naturalistic inquiry*. SAGE Publications.
- Lopes, J. T., & Dias, S. J. (2014). “O público vai ao teatro”: Uma etnografia dos públicos em ação. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 74, 51–72. DOI:10.7458/SPP2014743200
- Klinenberg, E. (2019). *Palaces for the people: How social infrastructure can help fight inequality, polarization, and the decline of civic life*. Crown Publishing Group.
- Marx, K. (1996 [1867]). *O capital: Crítica da economia política* (Vol. 1). Editora Nova Cultural.
- Matarasso, F. (1997). *Use or ornament? The social impact of participation in the arts*. Comedia.
- Mendes, L. (2018). Gentrificação turística em Lisboa: Impactos do alojamento local na resiliência e sustentabilidade social do centro histórico. *Poder Local: Revista de Administração Democrática*, (155), 58–73.
- Mezirow, J. (1991). *Transformative dimensions of adult learning*. Jossey-Bass.
- Monteiro, P. F. (1994). Os públicos dos teatros de Lisboa: primeiras hipóteses. *Análise Social*, XXIX(129), 1229–1244.
- Ngidi, S., & Moyo, Z. (2021). Conclusion: Can Arts and Culture Transform Society? Social Cohesion and Nation-Building. Em *Mintirho ya Vulavula: Arts, National Identities and Democracy* (pp. 413-431). Mapungubwe Institute for Strategic Reflection (MISTRA).
- Putnam, R. D. (2000). *Bowling alone: The collapse and revival of American community*. Simon & Schuster.
- Putnam, R., Leonardi, R., & Nonetti, R. Y. (1994). *Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy*. Princeton University Press.
- Rancière, J. (2009). *The emancipated spectator*. Verso.
- Rebello, L. F. (1984). *História do teatro de revista em Portugal* (Vol. 1). Dom Quixote.

- Rego, A. (2023). Estudo empírico sobre coletividades culturais em Portugal. *Etnográfica*, 27(1), 193-209. <https://doi.org/10.4000/etnografica.13460>
- Rego, R., & Borges, V. (2021). The transformative role of Angels' cultural organisations under austerity. *Cultural Trends*, 30(2), 156-173. <https://doi.org/10.1080/09548963.2021.1873702>
- Schechner, R. (2003). *Performance theory*. Routledge.
- Serafino, I. (2022). O teatro comunitário em Portugal: Uma análise sociológica a partir do estudo de caso da associação Pele_Espaço de Contacto Social e Cultural. *Análise Social*, LVII(245), 656–675. <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2022245.02>
- Simmel, G. (2006). *Questões Fundamentais da Sociologia: Indivíduo e Sociedade*. Zahar.
- Stake, R. E. (1995). *The art of case study research*. SAGE Publications.
- Thompson, J. B. (2010). *Merchants of culture: The publishing business in the twenty-first century*. Polity Press.
- Throsby, D. (2000). *Economics and culture*. Cambridge University Press.
- Tracy, S. J. (2010). Qualitative quality: Eight “big-tent” criteria for excellent qualitative research. *Qualitative Inquiry*, 16(10), 837–851. <https://doi.org/10.1177/1077800410383121>
- Turner, V. (1982). *From ritual to theatre: The human seriousness of play*. PAJ Publications.
- UNESCO. (2002). *Universal declaration on cultural diversity*. UNESCO – Copyright bulletin, XXXVI(1), 4-44. UNESCO. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000128347>
- UNESCO. (2005). *Convention on the protection and promotion of the diversity of cultural expressions*. UNESCO. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000142919>
- Weber, M. (1978 [1922]). *Economy and society: An outline of interpretive sociology*. University of California Press.
- Wenger, E. (1998). *Communities of practice: Learning, meaning, and identity*. Cambridge University Press.
- Williams, R. (1983 [1976]). *Keywords: A vocabulary of culture and society*. Oxford University Press.
- Yin, R. K. (2018). *Case study research and applications: Design and methods* (6ª Edição). SAGE Publications.

Anexos

Anexos A - Guiões de Entrevista

Anexo A.1. - Guião da Entrevista ao Presidente da coletividade

Guião de Entrevista Semi- Estruturada – Direcionado ao Presidente da coletividade “Os Combatentes”

Título: Estudo sobre o Teatro de Revista Amador e Democracia Cultural, na Coletividade “Os Combatentes”

Texto de Apresentação:

Bom dia/Boa tarde/Boa noite. O meu nome é Melissa Alves, sou estudante do Mestrado do curso de Sociologia, no Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Estou a desenvolver uma pesquisa sobre o Teatro de Revista Amador e Democracia Cultural, tendo como estudo de caso a coletividade “Os Combatentes”.

Nesta pesquisa, vou descrever o funcionamento da coletividade e do grupo de teatro amador. O objetivo deste estudo é compreender a dinâmica da associação e do teatro de revista na democracia cultural, nesta comunidade. A sua resposta é muito importante para o sucesso do meu trabalho. Muito obrigada pela sua participação.

Consentimento:

1. Tenho o seu consentimento para continuar a fazer as perguntas?
2. Posso utilizar as suas respostas na tese de mestrado que estou a escrever?

Parte I: Caracterização Sociodemográfica

1. Como teve conhecimento desta companhia de teatro e coletividade?
2. Qual é o seu grau de instrução mais elevado?
3. Qual é a sua idade?
4. Qual é o seu género?
5. Qual é a sua localidade de residência?
6. Qual é a sua profissão?
7. Qual é a sua situação na profissão? (Independente, trabalha por conta de outrem,...)

Parte II: Relações com Associações Vizinhas

1. Relação com Associações Vizinhas

- o Que tipo de atividades conjuntas são realizadas com essas associações?

1.1 Desporto

- o A coletividade participa em eventos desportivos organizados por associações vizinhas? Se sim, quais?
- o De que modo o desporto contribui para a união da comunidade local?

1.2 Intervenção Social

- o Existem parcerias com associações que atuam na intervenção social? Se sim, quais são os objetivos dessas parcerias?

- o De que forma essas iniciativas impactam a comunidade?
-

Parte III: Relação com a Junta de Freguesia

1. Relação com a Junta de Freguesia

- o Como é que a coletividade se relaciona com a Junta de Freguesia? Quais são os canais de comunicação utilizados?
 - o Que tipo de apoio a Junta de Freguesia oferece à coletividade?
 - o Existem projetos ou iniciativas em que a coletividade colabore diretamente com a Junta?
-

Parte IV: Relação com o Município Local (Câmara Municipal)

1. Relação com o Município Local

- o Como é a relação da coletividade com a Câmara Municipal? Quais as principais vias de comunicação?
 - o A coletividade participa em eventos ou programas municipais? Se sim, quais?
 - o Que tipo de apoio financeiro ou logístico a Câmara Municipal oferece à coletividade?
-

Parte V: Localização da Coletividade

1. Localização

- o Como é que entende a localização da coletividade? Por exemplo: uma rua tranquila, bairro pacato, cidade movimentada, etc..
- o Quais são as características do espaço em que a coletividade está inserida?

2. Caracterização do Bairro

- o Como descreveria o bairro em que a coletividade se encontra? (Social, racial, principais problemas, convívio, potencialidades)
- o Quais são os desafios enfrentados pela comunidade local?

3. Públicos Locais

- o Quem são os públicos que frequentam a coletividade? São locais, não locais ou de áreas gentrificadas?
 - o Que ações são realizadas para atrair diferentes públicos?
-

Parte VI: Importância do Associativismo Local

1. Papel das Associações

- o Como é que a coletividade "Os Combatentes" se relaciona com outras associações locais?
- o De que forma o associativismo local contribui para a sobrevivência e o desenvolvimento do Teatro de Revista Amador?

2. Recursos e Apoio

- o Que tipo de apoio a coletividade recebe de instituições locais ou do Município?
 - o Existem desafios específicos que a coletividade enfrenta em relação ao financiamento e à sustentabilidade?
-

Parte VII: Contribuição para a Democracia Cultural

1. Definição de Democracia Cultural

- o A noção de "democracia cultural" é-lhe familiar no âmbito do Teatro de Revista Amador?

2. Impacto na Comunidade

- o De que maneira a atuação da companhia tem impacto na comunidade local? Quais os tipos de impactos?
- o Que ações são realizadas para envolver a comunidade e promover o acesso à cultura?

3. Impacto da Companhia

- o Qual é o impacto da relação do teatro/companhia com a coletividade?

4. Desenvolvimento de Valores

- o Como a coletividade promove valores como inclusão, diversidade e participação cívica? Poderia dar-me exemplos, por favor.
 - o Acredita que o Teatro de Revista Amador ajuda a fomentar a liberdade de expressão e a pluralidade de vozes na cultura?
-

Parte VIII: Considerações Finais

1. Perspetivas Futuras

- o Quais são as suas expectativas para o futuro da coletividade, da companhia e do Teatro de Revista Amador?
- o Que mudanças ou melhorias gostaria de ver na forma como o teatro é promovido ou gerido nesta comunidade?

2. Comentários Finais

- o Há mais alguma informação que gostaria de partilhar sobre o Teatro de Revista Amador ou a coletividade "Os Combatentes"?
-

Agradecimento:

Obrigada por ter participado nesta entrevista. As suas respostas são valiosas para a compreensão da democracia cultural e do papel da coletividade 'Os Combatentes' na comunidade. Se houver algo mais que gostasse de acrescentar, sinta-se à vontade para partilhar.

Anexo A.2. - Guião da Entrevista ao Encenador da companhia de teatro

Guião de Entrevista Semi- Estruturada – Direcionado ao Encenador da companhia de teatro amadora

Título: Estudo sobre o Teatro de Revista Amador e Democracia Cultural, na Coletividade “Os Combatentes”

Texto de Apresentação:

Bom dia/Boa tarde/Boa noite. O meu nome é Melissa Alves, sou estudante do Mestrado do curso de Sociologia, no Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Estou a desenvolver uma pesquisa sobre o Teatro de Revista Amador e Democracia Cultural, tendo como estudo de caso a coletividade “Os Combatentes”.

Nesta pesquisa, vou descrever o funcionamento da coletividade e do grupo de teatro amador. O objetivo deste estudo é compreender a dinâmica da associação e do teatro de revista na democracia cultural, nesta comunidade. A sua resposta é muito importante para o sucesso do meu trabalho. Muito obrigada pela sua participação.

Consentimento:

1. Tenho o seu consentimento para fazer as perguntas que se seguem?
2. Posso utilizar as suas respostas na tese de mestrado que estou a escrever?

Parte I: Caracterização Sociodemográfica

1. Como teve conhecimento desta companhia de teatro e coletividade?
2. Qual é o seu grau de instrução mais elevado?
3. Qual é a sua idade?
4. Qual é o seu género?
5. Qual é a sua localidade de residência?
6. Qual é a sua profissão?
7. Qual é a sua situação na profissão? (Independente, trabalha por conta de outrem,...)

Parte II: Organização do Teatro de Revista Amador

1. Estrutura Organizacional

- o Como está organizada a companhia de teatro “Os Combatentes”? (ex.: papéis, funções)
- o Quais são as principais atividades realizadas pela companhia?

2. Processo Criativo

- o Como se dá o processo de criação das peças de teatro? (ex.: seleção de temas, escrita, ensaios)
- o Qual a importância da colaboração entre os membros durante a criação?

3. Motivações e Mobilização

- o O que motiva as pessoas a envolverem-se com o Teatro de Revista Amador?

- o Quais são os principais fatores que atraem novos membros para a companhia? E o que pode afastá-los?
-

Parte III: Importância do Associativismo Local

1. Papel das Associações

- o De que forma o associativismo local contribui para a sobrevivência e o desenvolvimento do Teatro de Revista Amador?

2. Recursos e Apoio

- o Que tipo de apoio a companhia recebe de instituições locais ou do município?
 - o Existem desafios específicos que a companhia enfrente em relação ao seu financiamento e à sustentabilidade?
-

Parte IV: Contribuição para a Democracia Cultural

1. Definição de Democracia Cultural

- o A noção de "democracia cultural" é-lhe familiar no âmbito do Teatro de Revista Amador?

2. Impacto na Comunidade

- o De que maneira a atuação da companhia tem impacto na comunidade local? Quais os tipos de impactos?
- o Que ações são realizadas para envolver a comunidade e promover o acesso à cultura?

3. Desenvolvimento de Valores

- o Como é que a companhia promove valores como inclusão, diversidade e participação cívica? Poderia dar-me exemplos, por favor.
 - o Acredita que o Teatro de Revista Amador ajuda a fomentar a liberdade de expressão e a pluralidade de vozes na cultura?
-

Parte V: Considerações Finais

1. Perspetivas Futuras

- o Quais são as suas expectativas para o futuro da companhia e do Teatro de Revista Amador?
- o Que mudanças ou melhorias gostaria de ver na forma como este teatro é promovido ou gerido?

2. Comentários Finais

- o Há mais alguma informação que gostasse de partilhar sobre o Teatro de Revista Amador ou a coletividade "Os Combatentes"?
-

Agradecimento:

Obrigada por ter participado nesta entrevista. As suas respostas são valiosas para a compreensão da democracia cultural e do papel da coletividade 'Os Combatentes' na comunidade. Se houver algo mais que gostasse de acrescentar, sinta-se à vontade para partilhar.

Anexo A.3. - Guião da Entrevista aos membros da coletividade e da companhia de teatro

Guião de Entrevista Estruturada – Direcionado aos membros da coletividade e da companhia de Teatro

Título: Estudo sobre o Teatro de Revista Amador e Democracia Cultural, na Coletividade "Os Combatentes"

Texto de Apresentação:

Bom dia/Boa tarde/Boa noite. O meu nome é Melissa Alves, sou estudante do Mestrado do curso de Sociologia, no Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Estou a desenvolver uma pesquisa sobre o Teatro de Revista Amador e Democracia Cultural, tendo como estudo de caso a coletividade "Os Combatentes".

Nesta pesquisa, vou descrever o funcionamento da coletividade e do grupo de teatro amador. O objetivo deste estudo é compreender a dinâmica da associação e do teatro de revista na democracia cultural, nesta comunidade. A sua resposta é muito importante para o sucesso do meu trabalho. Muito obrigada pela sua participação.

Consentimento:

1. Tenho o seu consentimento para continuar a fazer as perguntas?
2. Posso utilizar as suas respostas na tese de mestrado que estou a escrever?

Parte I: Caracterização Sociodemográfica

1. Como teve conhecimento desta companhia de teatro e coletividade?
2. Qual é o seu grau de instrução mais elevado?
3. Qual é a sua idade?
4. Qual é o seu género?
5. Qual é a sua localidade de residência?
6. Qual é a sua profissão?
7. Qual é a sua situação na profissão? (Independente, trabalha por conta de outrem,...)

Parte II: Relação do Indivíduo com a Coletividade "Os Combatentes" e/ou com a companhia de teatro, e o Tipo de Trabalho Desenvolvido

1. Trabalha na Coletividade e/ou na companhia de teatro?
2. Qual é o seu interesse pela companhia de teatro?

Parte III: Tipo de Trabalho Desenvolvido com a Comunidade

1. Que tipo de trabalho desenvolve com a comunidade através da coletividade e/ou da companhia de teatro?
2. Como interage com os públicos locais e os habitantes?
3. Quais são os principais desafios que enfrenta ao trabalhar com a comunidade?

Parte IV: Definição de Democracia Cultural

1. A noção de "democracia cultural" é-lhe familiar no âmbito do Teatro de Revista Amador?

Agradecimento:

Obrigada por ter participado nesta entrevista. As suas respostas são valiosas para a compreensão da democracia cultural e do papel da coletividade 'Os Combatentes' na comunidade. Se houver algo mais que gostasse de acrescentar, sinta-se à vontade para partilhar.

Anexos B - Registos fotográficos

Anexo B.1. - Bandeira da coletividade



Anexo B.2. - Fachada da coletividade



Anexo B.3. - Salão (Espetáculos, alugueres, aulas)



Anexo B.4. - Museu da coletividade



Anexo B.5. – Ato do Teatro de Revista



Anexo B.6. - Museu da coletividade



Anexo B.7. – Noites de Fado



Anexo B.8. – Arraial de Santo António



Anexo B.9. – Torneio de Futsal



Anexo B.10. – Almoço de Aniversário (Convívio)



Anexo B.11. – Alguns elementos voluntários, sócios e dirigentes

